SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVI • N.os 297 e 298

JAN. / FEV. 1970

LISBOA

Comp. • imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

25 ANOS DEPOIS

O ESFORÇO CONTINUA!

Foi exactamente em 1 de Janeiro de 1945 que o primeiro número de «Sempre Pronto» veio à luz do dia, procedendo uma resolução do Conselho de Guias do Grupo n.º 94 dos Escoteiros de Portugal. Merece a pena recordar o facto. Era um punhado de jovens, cheios de entusiasmo, desejosos de fazer alguma coisa pelo Escotismo em Portugal. O movimento atravessava crise grave, mas existiam em todo o país grupos de escoteiros que tinham bons efectivos e actividade de muito interesse. No entanto, não havia qualquer ligação entre essas unidades, a não ser escassa correspondência epistolar entre alguns dirigentes. Era preciso estabelecer contacto entre todas essas boas-vontades, estimular entusiasmo e mais intensa actividade, despertar novos interesses, numa palavra promover a difusão e o progresso dos Escoteiros de Portugal. Foi isso que aquele grupo de jovens idealistas tinha em vista quando resolveu publicar este jornal.

O primeiro número era a expressão deste desejo. «Hora de Esforço» intitulava-se o editorial. *Chegou a hora de trazer o calor do nosso entusiasmo a todas as Obras que visem o Amor, o Progresso e a Beleza. (...) Alegra-nos saber que o movimento a que estamos ligados — O Escotismo — nos dá francas oportunidades de* «bem servir». O aparecimento do primeiro número de «Sempre Pronto» despertou enorme entusiasmo nos arraiais escoteiros. De toda a parte nos chegaram aplausos, incitamentos, ofertas de colaboração. Tivemos então óptimos delegados no Norte, no Entroncamento, em diversos pontos do Algarve, nos Açores, na Madeira. Como símbolo dessas dedicações, podemos evidenciar o nosso Delegado Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo, que 25 anos depois permanece no desempenho do seu cargo, prestando valiosos serviços. Muitos dos assinantes que nos apoiaram nesses primeiros momentos, continuam a dar-nos o seu apoio e a afirmar-nos a sua simpatia.

Mas nem tudo foi fácil. Ainda hoje não compreendemos porque os Escoteiros de Portugal são mantidos numa actividade reduzida, sem diligências de progresso, quando se vislumbram inúmeras oportunidades de desenvolvimento. A publicação de «Sempre Pronto» encontrou por isso oposição onde deveria ter apoio. É certo que esse apoio não fez qualquer falta, pois o entusiasmo de que esses jovens estavam possuídos e o caloroso acolhimento que lhes foi dispensado pelos seus leitores foi suficiente para vencer todas as dificuldades e sustentar a publicação durante vinte e cinco anos. Porque é agradável poder declarar que «Sempre Pronto» tem sido mantido sòmente pelos seus leitores e pela dedicação dos generosos colaboradores.

A crise do Movimento Escoteiro, a mediocridade da acção dos seus principais órgãos, tem justificado uma acção crítica, a que não podemos furtar-nos, já que impusemos a nós próprios servir o Escotismo. Infelizmente criou-se entre nós um vício de educação, em que a crítica é mal aceite. Ninguém gosta de ouvir discordâncias, nem se aceita que se apontem deficiências, erros, se indiquem melhores caminhos, soluções mais razoáveis, por mais pertinentes que sejam as observações e mais bem intencionada a crítica exercida. Só se aceita a *crítica construtiva*, entendendo-se esta pelo elogio constante, pela louvaminha, pelo aplauso do medíocre. Claro que não estamos dispostos a prestar ao Movimento tão mau serviço, embora estejamos ansiosos

Continua na pág. 10

PRESENTE EM ESPÍRITO E ASSIM FESTEJAR CONVOSCO O 25.º ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL

— Afirma o Professor A. Álvaro Dória em carta que nos escreve de Braga

Meus caros Camaradas:

Ao comemorar-se o 1.º quarto de século — 25 anos! — da vida do **«SEMPRE PRONTO»**, não podia eu, velho colaborador quase desde o seu início, faltar à chamada.

Aqui me tendes, portanto, a saudar-vos com amizade, embora de longe, mas presente em espírito e assim festejar convosco o 25.º aniversário do nosso jornal, congratulando-me por ver que ele tenha conseguido, através de todas as vicissitudes e preocupações — essas vicissitudes e preocupações que sempre assaltam a chamada pequena Imprensa — atingir tão linda idade.

Todos nós, Camaradas, devemos sentir-nos de facto satisfeitos, orgulhosos até, vendo o **«SEMPRE PRONTO»** alcançar um quarto de século de vida, não sendo, como fartamente o temos visto, os nossos tempos propícios à compreensão do ideal escotista.

Estava justamente a terminar por entre o fumo das explosões de Hiroxima e Nagazáqui, a cruentíssima II Guerra Mundial, de que fomos pávidas testemunhas e, de certo modo, suas vítimas, quando saiu o 1.º número deste jornal, e estou absolutamente certo de que nenhum daqueles que lhe deram vida podia então imaginar que voltas daria o Mundo e que profunda transformação se operaria na vida no decurso dos anos que viriam logo a seguir.

Não vou, Camaradas, referir-me a essa transformação, pois todos as têm presentes no espírito ou nos olhos. Se, porém, vós as tivésseis previsto, possìvelmente sentiríeis confranger-se-vos o coração pelos desvios que seriam de recear se impusessem aos caminhos do Escotismo, e talvez desistísseis de vos abalançardes à árdua empresa de

Continua na pág. 10

25 anos de colaboração

Tem sido bastantes vezes repetida a afirmação de que o «Sempre Pronto» é a materialização do esforço comum de um grupo de boas vontades. Sem a existência dos nossos assinantes e daqueles que, mês após mês, abnegadamente nos oferecem a sua colaboração, quer literária, quer como delegados, agentes ou correspondentes, este jornal não tinha subsistido. Portanto, a comemoração dos seus 25 anos de existência é um facto que outorga a cada um destes nossos Amigos o direito de receber a sua quota-parte dos parabéns que nos são endereçados.

Como prova do elevado número de participantes na obra deste jornal, damos a seguir uma relação dos nomes dos nossos amigos que, durante este quarto de século e com uma certa regularidade, valorizaram as colunas deste jornal com a sua colaboração literária.

Eis os nomes desses desinteressados cooperadores nesta obra:

A. Vicente Campinas
Abílio dos Santos
Albano da Silva
Dr. Alfredo Tovar de Lemos
Comandante Álvaro de Melo Machado
Prof. Aníbal Ramos
Antero Nobre
Prof. António Álvaro Dória
António Augusto da Silva e Cunha
António Barbosa
António da Encarnação Amêndoa
António Francisco Xavier de Brito
Cap. António Gomes Rocha
António Júlio da Cunha
António Mira Calhau
António Norberto de Sousa e Cunha
Rev.º António Pinto Ribeiro Júnior
Armando Gomes Lino
Arnaldo Eduardo Couto
Aureliano Garrido Joya (Espanha)
Coronel Bento Roma
Carlos Fernando Garcia
Daniel Ribeiro Correia
David de Baudouin
David M. de Barros (Brasil)
Deusdado P. M. Vieira
Dinis Curson
Eduardo Barbeiro
Eduardo Manuel de Fernandes Miragaia
Rev.º Eduardo Moreira
Enrique Genovés (Espanha)
Ernesto Belo Redondo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Ernesto de Sousa
Dr. Eugénio Henrique Ramos
Eugénio Ribeiro Nunes
Eunice Soares
Eurico de Jesus Augusto
Faustino Leitão
Dr. Fausto Salazar Leite
Fernando Bahia dos Santos
Fernando Gomes Carrão
Fernando Sanches
Fernando Santos
Dr. Francisco Cortez Pinto
Francisco José Azedo Branquinho Carreiras
Francisco Militão dos Santos
Francisco do Nascimento Pina
François Baradez
Gelmirez de Melo (Brasil)
H. T. Gomes de Freitas
Hélder Martins
Henrique Alves de Azevedo
Henrique Barroqueiro
Humberto Martins
Idílio Custódio Gonçalves
J. M. Macedo
Rev.º J. Rosa Baptista
Rev.º J. Vasco dos Santos
J. Vieira
Jacinto dos Reis Moniz Silva
João Carlos Saraiva Mamede
João Mós (Brasil)
João Pedro Mendes da Ponte
João Trigueiros
Joaquim de Sousa Piscarreta
Joaquin Peñarroya (Espanha)
Jorge Adolfo Cierco
Jorge Brotas Cardoso
Eng.º Jorge Pereira Jardim
José Eduardo Pena Ribeiro
José Luís Carreiro
José Manuel Mendes Marques
José Manuel Miranda de Melo
José Manuel Pereira
Eng.º José Maria Nobre Santos
José Sequeira
D. Júlia Pena Ribeiro
Justino Estêvão da Silva
L. Mendonça (Pena Vermelha)
General Leo Borges Fortes (Brasil)
Dr. Leopoldo de Figueiredo
Dr.ª Lídia de Medeiros
D. Loreto Azpeitia L. de Ayala (Espanha)
Luciano Silva
Luís Alves Miguel
Luís Filipe Gomes
Luís Simões Aurélio
Dr. M. Conceição Júnior
Manuel António Palma
Manuel Ferreira
Manuel Ferreira Valério
Dr. Manuel Gomes dos Santos
Manuel Rodrigues
Manuel Sá Viana
Manuel Tacão Monteiro
Manuel Vítor Duarte da Rocha
D. Mariana Saragoça
Maurício Branco Duarte
Nathaliel Alexandre da Silva
Rafael Palácios (Espanha)
Raul Pires Pedro
Rui Cunha
Rui Horácio Filipe de Macedo
Samuel Vieira
Rev.º Saul de Sousa
Prof. Sérgio Monteiro
Soares de Campos
Rev.º Vidal Vieira dos Santos
Wolfgang Karl

DE SINTRA

Festa de Natal do Grupo n.º 93

No último Domingo de Dezembro, este Grupo realizou na sua sede uma festa de convívio em que participaram muitos escoteiros e suas famílias.

A festa começou por uma cerimónia escotista que serviu para dar posse ao novo Chefe de Tribo, o nosso amigo e colaborador João Pedro Mendes da Ponte, que substituiu o Chefe Mário Luzano Pereira Leite, que a seu pedido deixou o cargo, onde prestou bons serviços.

Também se realizou a investidura dos Caminheiros Carlos Filipe Cardoso e Vasconcelos Faria, bem como a promessa dos escoteiros António José Gomes Anes, José Manuel Leal Xavier, Amadeu Leal Gomes, Luís Filipe Valente Nascimento, José Joaquim Nunes Marques, Fernando Manuel Nunes Marques, Mário Eduardo do Nascimento Mattiotte e Luís Carlos Matreno Macieira, a quem o Chefe Sr. Miguel Raposo Bicho dirigiu palavras de felicitação e estímulo.

No final foi servido um lanche a todos os presentes, tendo sido entoadas canções escoteiras. Ao acto assistiu o Sr. Veloso de Lima, da Direcção do Grupo, bem como o Director do nosso jornal «Sempre Pronto» e sua Esposa e Neta. — *Pereira Soares, corresp.*

Administração

Os Serviços de Administração estão muito gratos aos estimados assinantes que têm feito o favor de fazer remessa das importâncias de suas assinaturas. Os últimos recebimentos registados foram os seguintes:

ASSINANTES PATROCINADORES

Sr.ª Dr.ª D. Stephanie Lion, de Lisboa, 2 anos.

Sr. João Fulberto Guerra Silva, de Queluz, 2 anos.

Sr. Carlos Alberto Filipe, da Cova da Piedade.

Sr. Manuel Nunes Pereira, de Benguela, 2 anos.

Sr. Francisco da Silva Maurício, de Faro, 2 anos.

Sr. António Francisco Xavier de Brito, de Lisboa.

Sr. José Luís Pinto Machado, do Porto.

Sr. José Manuel Macedo, de Fall River, E. U. A.

Sr. António Jesus Brito, de Luanda.

Sr. Prof. Dr. João Faria Lapa, de Lisboa (100$00).

OUTROS ASSINANTES

Sr. Carlos Alberto Pereira, de Lisboa.

Sr. João Fernando António Guerreiro, de Olhão.

Sr. Arnaldo Eduardo Couto, de Vila Nova de Gaia, 2 anos.

Sr. Joaquim da Rocha Saraiva, de Vila Nova de Gaia, 2 anos.

Sr. Horácio José Paiva, Porto.

Sr. José Manuel Pereira, de Vila Real de Santo António.

Clã n.º 6 do Corpo Nacional de Escutas, de Lisboa.

Sr. Manuel Simão, de Portimão.

DONATIVOS

Por intermédio de seu ilustre Pai, o nosso amigo e colaborador Sr. Reverendo Eduardo Moreira, recebemos um donativo de Esc. 100$00 do nosso dedicado assinante, o Sr. Dr. Ernesto Moreira, antigo escoteiro do Grupo n.º 1 e prestigioso médico cirurgião, vivendo há muitos anos nas Caldas da Rainha.

Ficamos muito agradecidos.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de registar as seguintes novas assinaturas:

Clã n.º 6 de Lisboa, do Corpo Nacional de Escutas.

Sr. Horácio José de Paiva, do Porto.

Sr. Manuel Nunes Pereira, de Benguela.

Sr. Vítor João Amaral Vergamota, do Entroncamento.

Patrulha Vasco da Gama, do Grupo 84, do Entroncamento.

D. Teresa Ferreira Barreto, do Grupo 84, do Entroncamento.

A todos os amigos referidos enviamos saudações escoteiras e agradecemos a sua tão gentil colaboração.

Filatelia

por MENDES MARQUES

Novidades

Foi durante a última Conferência Mundial, que teve lugar em Helsínquia, de 21 a 27 de Agosto de 1969, que a Associação dos Escoteiros dos Barbados recebeu o seu certificado de Membro. O acontecimento deu azo a que a Administração Postal daquele país das Caraíbas pusesse em circulação, em 16 de Dezembro último, uma série de 4 valores, também reunidos em bloco. Estes selos foram desenhados por J. E. Cooter e impressos por processo litográfico por Enschede, em Zonen, na Holanda.

Cabe aqui fazer algumas referências ao movimento nos Barbados.

A primeira Patrulha escotista foi fundada no Colégio de Combermere em 9 de Março de 1912 tendo, como primeiro chefe, C. W. Springer. Como Associação local mereceu o reconhecimento pela Associação-mãe de Londres, em 14 de Março de 1918, existindo, então, 6 grupos num total de 142 escoteiros. Em 1934 foi-lhe garantido o estatuto como Associação independente do «Ramo Ultramarino». O desenvolvimento do escotismo naquela ilha processou-se lentamente mas hoje conta com cerca de 1 400 escoteiros, possuindo, inclusive, um Campo-Escola Nacional.

Agrupamento Temático «Escotismo»

Conforme já aqui referi, o Escotismo foi um dos temas escolhidos para a constituição dum Agrupamento Temático. Para o facto contribuiu, sem dúvida, a existência de alguns coleccionadores e a rubrica do «Sempre Pronto» que, com a regularidade possível, vem prestando, assim o presumo, alguma assistência aos interessados. Mas só isto não basta: torna-se necessário a existência dum cadastro dos temáticos escotistas e a legalização do Agrupamento adentro do seio da Federação.

Na data em que chegar às mãos dos coleccionadores o presente número, já terão sido enviadas circulares apropriadas. Terei recebido todas as respostas? Serão elas animadoras?

As finalidades do Agrupamento foram postas em evidência nas referidas circulares e no número anterior. Para uma maior eficiência importa que haja uma responsabilidade individual e colectiva ao mesmo tempo. Estou certo da existência de coleccionadores com relações com filatelistas estrangeiros ou mesmo o acesso a revistas ou jornais que relatem acontecimentos comemorados filatèlicamente. Refira-se que, filatèlicamente, não é só o selo mas também uma marca postal, aliás em maior número. Ora nada melhor que qualquer informação desse teor ser transmitida aos outros elementos do Agrupamento. Para uma conveniente uniformização, quer da rubrica do «Sempre Pronto», quer da sua inserção igualmente no Boletim da F. P. F., interessária que toda a correspondência me fosse dirigida. Certo, Por outro lado, também são bem-vindas quaisquer sugestões.

Secção Filatélica

«Sempre Pronto» tem mantido interesse pela Filatelia desde os seus primeiros números. Presentemente esta secção está a cargo do nosso colaborador sr. José Manuel Mendes Marques, dirigente regional do Corpo Nacional de Escutas, em Seia, profundamente conhecedor do Escotismo e da respectiva temática filatélica. Os nossos leitores são testemunhas do elevado nível que esta colaboração tem atingido e o interesse que está despertando. No 25.º aniversário de «Sempre Pronto» queremos felicitar o nosso colaborador Mendes Marques e manifestar-lhe o nosso apreço pelo seu trabalho.

XXII Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do centenário do Prof. Egas Moniz, prémio Nobel.

Não é só o cientista,
Angiógrafo famoso,
Que aparece à nossa vista,
Mas o Homem que interfere
Em momento doloroso,
Em favor de quem o fere,
Que é um louco perigoso:
Pede, em hora tão fatal
Que não se lhe faça mal!

Eduardo Moreira

Vinhetas Escoteiras

publicadas pelos antigos escoteiros da Dinamarca

A «Sct. Georges Gilderne i Danmark» oficiou à nossa Fraternal dos Antigos Escoteiros, saudando todos os «antigos» portugueses por ocasião do «Dia da Fraternidade», comemorado na data da fundação da «International Fellowship of Former Scouts and Guides» — 25 de Outubro.

Para auxílio do Escotismo de Extensão, a Fraternal da Dinamarca editou uma interessante folha de vinhetas escoteiras com as cores nacionais de cada um dos países que possuem Fraternais de Antigos Escoteiros e a respectiva insígnia associativa.

Estas folhas podem ser solicitadas à Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal ao preço de Esc. — 20$00 por folha, ou seja o equivalente de 5 coroas dinamarquesas.

Conselho Internacional de Escotismo

Este importante órgão internacional do Escotismo tem nova sede. O seu endereço passa a ser, por este motivo, o seguinte:

— Consejo Interamericano de Esculismo
— Apartado 10297
— SAN JOSÉ (Costa Rica)



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Memórias da Fundação do Grupo N.º 2

Após a brilhante campanha de propaganda do *scouting*, iniciada por Paulo Osório nas colunas do *Século*, e já preparada a opinião pública para acolher, sem desagrado ou provinciana estranheza os pioneiros do escotismo, começou a inscrição dos jovens que desejassem tomar parte no movimento, a fim de se organizarem diversos grupos.

A sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 2, instalada no populoso bairro da Esperança, abriu também inscrição e, na célebre noite de Outubro de 1912, uma das suas salas encheu-se completamente de rapaziada nova, entusiasmada com a ideia de poder praticar a vida saudável, atraente e útil dos *boy-scouts*.

Na reunião daquela noite, o, então, tenente Álvaro de Melo Machado procedeu à escolha dos rapazes que haviam de formar as primeiras patrulhas.

Uma delas — a do GATO — ficou constituída por mim, como guia, tendo Nuno de Zea Bermudez como subguia e como restantes componentes Américo Salvador da Costa, José de Meneses, Manuel de Sousa Duarte Borrego e Mário Florindo. As outras patrulhas constituídas foram as do Pato, do Cão, da Águia, etc.

Nascera o Grupo 2.

O grupo ficou instalado na Sociedade, tendo como escoteiro-chefe o Tenente Melo Machado e como instrutores os irmãos Simões, grandes nadadores nessa época.

O velho Buttuller e o Guerra, da rua de S. Domingos, puseram logo no mercado chapéus de *boy-scouts* ao preço de 1$10 (!!); surgiram os emblemas e os fardamentos de caqui, fizeram-se as varas e, em 3 de Novembro de 1912, o Grupo fazia a sua primeira apresentação em campo, num exercício realizado no Campo Grande. (...)

Ajuda, Alfeite, Loures, Belas, Arrentela, Odivelas, Lumiar, Paiã, Santo Amaro de Oeiras, Queluz, Amadora, Alenquer, Cascais e Sintra são nomes que ficaram nos anais do 2 como localidades que os seus escoteiros percorreram e onde acamparam, em frequentes exercícios que para nós constituíram o melhor aproveitamento da nossa juventude.

Depois, porque as instalações cedidas pela Sociedade eram pequenas demais para o desenvolvimento do Grupo e estavam sujeitas a restrições incompatíveis com o espírito dinâmico e inovador dos rapazes do 2, o Grupo deixou aquela Sociedade e, em 1914, aparece já instalado na Academia dos Estudos Livres, então situada na rua da Paz. Durante algum tempo usou o n.º 6, porque a Sociedade, de que nos divorciáramos, pretendeu manter a prerrogativa de fazer nascer um outro 2, mas já em 1915 o Grupo retoma o seu glorioso número.

Acarinhados pela Direcção da Academia, ali montámos a nossa sede em óptimas condições, incluindo uma oficina de carpintaria onde construímos parte do mobiliário.

Mais tarde a Academia muda as suas instalações para um belo palacete da rua da Emenda, 53, e com ela vai o 2, que continua singrando em pleno crescimento. (...)

ABÍLIO DOS SANTOS
Antigo escoteiro-chefe do Grupo 2



PÁGINA DO ESCOTEIRO

ESPELEOLOGIA

Esta actividade é daquelas que mais interesse e excitação provocam nos escoteiros, pelos perigos que encerra, pela aventura que seduz e pela beleza das grutas. Podemos por isso dizer que, na gíria escotista, é justamente considerada como um JOGO DURO, muito próprio, portanto, para exploradores.

É por isso que a centenas de metros abaixo da terra, os espeleólogos, descobrem um mundo espantoso, onde plantas brancas e moles não têm clorofila, e os animais não vêem. É um mundo de interesse constante, onde se descobrem minerais e indícios daqueles que foram nossos antepassados. Encontram-se objectos do homem Paleolítico e Neolítico (machados de pedra, instrumentos de pedra polida, ossos polidos, cerâmicas etc...), e é interessante o estudo efectuado com esses mesmos objectos, chegando-se à conclusão de que alguns têm milhares de anos. Com frequência se notam inscrições nas paredes das grutas (pinturas rupestres, caracteres cuneiformes, escrita ideográfica, hieroglifica, etc...), em resumo, esta actividade, além de mostrar um mundo prodigioso, põe em jogo toda a técnica do escotismo: observação, sinalização, fotografia, pioneirismo, campismo, canoagem, e, na prática, ela reproduz no indivíduo espeleólogo toda a preparação escotista que se recebeu para ser bom escoteiro.

Há grutas que têm dezenas e, às vezes, centenas de quilómetros (como é o caso da Gruta do Mamute, nos E. U. A., que tem uma extensão de 250 km), onde os rios subterrâneos e as infiltrações das águas escavaram, durante milhões de anos. grutas de dimensões gigantescas, atapetadas de depósitos calcários com formas extraordinárias e cores espantosas.

E para resolver os problemas do desaparecimento inexplicável de certos cursos de água, os homens começaram a explorar grutas e a aperfeiçoar-se na técnica de realizar essas explorações.

A espeleologia é uma actividade que exige cuidados excepcionais de autodomínio, de coragem, abnegação, resistência física e, acima de tudo, SABER. Porque sem uma preparação suficiente, e sem meios adequados, é uma loucura tentar qualquer exploração.

No escotismo, a espeleologia encontra-se bastante desenvolvida e é praticada em especial pelos Caminheiros, pois são eles que, quer pela sua resistência física, quer pela sua idade, mais a praticam. Em Lisboa, podemos dizer que actualmente os dois grupos de Clã que mais assiduidade e desenvolvimento tem dado à espeleologia têm sido os Grupos 19 e 8. Saliente-se, no entanto, que é pouco, não porque haja falta de vontade de parte a parte, mas sim porque não contam com o auxílio de pessoas entendidas, que lhes dêem uma ajuda (quer científica quer monetàriamente).

Entre aqueles que, desde o princípio têm procurado fazer prevalecer a Espeleologia no escotismo, encontram-se os *Scouts de France*, caminheiros da associação *Éclaireurs de France* (E. D. F.) Por isso, podemos chegar à conclusão de que no nosso movimento se encontram rapazes suficientes, com autodomínio para enfrentar o «Jogo Duro» que é a espeleologia.

GAMO LIGEIRO

TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO

AS AVES

Por GAMO LIGEIRO

O AMIGO DAS AVES

Pela sua própria observação e conhecimento das aves, o leitor pode tornar-se um ornitologista (de *ornitologia*, ciência que trata as aves).

É necessário, para nos tornarmos amigos das aves, não só ser amigos delas nem considerá-las só como espectáculo ou motivo de estudo. Mas também tratá-las como seres vivos, dotados de necessidades, capazes de sofrer e, portanto, intervirmos junto delas para as ajudar a satisfazer as necessidades (alimentação, nidificação, etc...), a aplanar as suas dificuldades e a poupar-lhes sofrimentos. Com os meios que empregar, o leitor conseguirá atraí-las, tendo assim a possibilidade de observar à vontade as suas atitudes características e costumes.

ALIMENTAÇÃO NO INVERNO – O rigor do Inverno torna a vida das aves sedentárias dura e precária. Muitas morrem na altura dos grandes frios, à falta de alimentos.

As aves *granívoras* (comedoras de grãos) procuram bagas nos silvados e grãos nas plantas secas e na terra. Todavia, as *insectívoras* têm dificuldade em descobrir um insecto ou larva. Sem desprezar a ocasião de sacudir para a rua as migalhas de pão, que tanto agradam aos pardais e aos pombos, coloque ao alcance de outras aves gordura vegetal ou animal, toucinho ou bocados de presunto gordo, coco e grãos de girassol. Tenha cuidado em manter estes alimentos ao abrigo do vento e da chuva e fora do alcance dos gatos. Pendure o toucinho e o coco e coloque a mistura de gordura e grãos numa pequena plataforma de madeira, protegida por um telheiro, presa a uma árvore, a uma parede, numa varanda ou numa janela.

Em breve, os melharucos carvoeiros, os melharucos azuis e os de poupa, assim como os picanços e os pintarroxos, tornar-se-ão seus hóspedes familiares. A água é tão necessária à vida das aves como o alimento. Mas costuma gelar no Inverno e faltar por vezes no Verão. As aves apreciam os *bebedouros*, fontanários e bacias, onde vão beber e banhar-se.

OS ABRIGOS – Algumas vezes voluntàriamente, as aves adoptam abrigos, onde fazem os seus ninhos, que devem colocar-se no tronco das árvores ou pendurar-se nas paredes voltadas para o campo ou para os jardins. Estes abrigos podem ser constituídos por simples vasos de flores, com uma abertura folgada, pendurados nas paredes, ou então feitos de madeira, semelhantes a «caixas de correio», com tampa móvel e uma entrada lateral redonda. Devem colocar-se os abrigos fora do alcance dos gatos e resguardados dos ventos dominantes.

(Continua)

Inquérito aos Guias

Finalmente contactámos com o Ultramar. Exactamente com o Grupo 39, de Benguela, afilhado do 93, de Sintra.

Responde à nossa entrevista o guia da Patrulha Elefante, Sérgio Luís Branco Roque, de 16 anos, estudante e possuidor da 1.ª Classe.

P. Há quanto tempo praticas Escotismo?

R. Exactamente há 4 anos e 8 meses e fica sabendo que sou conhecido pelo nome escotista de «QUATRO LUAS»!

P. Há quanto tempo és guia de patrulha?

R. Sou guia há 4 anos.

P. Que fazes para desenvolver a tua patrulha?

R. Para que ela seja boa, faço com que os meus 8 escoteiros tenham interesse pelo movimento escoteiro. Portanto trabalhamos, prestamos provas de classe e somos amigos para não haver discórdias.

Para que isto aconteça, disponho-os à vontade, faço jogos, concursos e também acampamentos.

P. Como encaras o Movimento no Ultramar?

R. Acho que é praticado da mesma forma que no Continente, apenas com a diferença de não dispormos de uma chefia ao nível da Província como as regiões na Metropole.

P. Achas que as actividades no Ultramar variam ou são idênticas às do continente?

R. Pelo menos no nosso Grupo são parecidas, porque tivemos um Chefe que veio daí e fez com que praticássemos o escotismo nos mesmos moldes, mas teve que ter em conta duas grandes dificuldades aqui em Benguela: A falta de água e o clima desgastante, próprio desta região.

P. Que melhoramentos gostarias ver realizados para um melhor programa de patrulhas?

R. Maior frequência de cursos de Guias e de concursos interpatrulhas, tendo em conta, é claro, a distância entre o continente e Angola.

P. Tens projectos para o engrandecimento da tua patrulha?

R. Tenho, na medida em que ambiciono que todos os meus escoteiros consigam a 1.ª classe e sejam futuros guias.

P. Que verdadeiro conceito formas do escotismo?

R. Visto que o Escotismo desenvolve certas faculdades no rapaz e na rapariga, que no quotidiano e afastados do movimento não se desenvolverão, como, por exemplo: ensinar o rapaz a obedecer para mais tarde saber poder mandar, acho que devia ser praticado por todo o jovem que se preza.

P. O que pensas de B.-P.?

R. B.-P. foi para mim um grande escoteiro, visto ter sido ele próprio o Fundador do Escotismo e de o ter praticado em toda a sua vida. Como homem foi de facto um verdadeiro Génio.

P. Achas que existem suficientes chefes de tribo no Ultramar?

R. Há poucos.

P. Gostarias realizar alguma vez uma visita escotista ao continente?

R. Gostaria, sim. Tal como todos os que aqui vivem e ainda não o fizeram.

P. A tua patrulha assina ou lê o «Sempre Pronto»? Achas o jornal agradável? Porquê?

R. A minha patrulha lê e começou assinar o jornal há cerca de dois meses. «Sempre Pronto» agrada-nos porque traz ideias e notícias e POR ELE SE FAZ UM MAIOR INTERCÂMBIO ENTRE OS ESCOTEIROS PORTUGUESES. Como não há mais perguntas, quero aproveitar o ensejo desta entrevista para desejar, aos irmãos escoteiros do Continente, com um grande abraço, as maiores felicidades para o Ano que entrou. Este desejo é também o de toda a rapaziada do 39, de Benguela!

«HOJE MELHOR QUE ONTEM: AMANHÃ MELHOR QUE HOJE»

GAMO LIGEIRO

Alexandre Herculano

por LUÍS SIMÕES AURÉLIO

Na excursão com que, no ano passado, «Sempre Pronto» iniciou as comemorações das suas Bodas de Prata, ao visitarmos, em Vale de Lobos, a casa em que passou o resto de seus dias o eminente escritor Alexandre Herculano, os companheiros que connosco ali se deslocaram, tiveram o privilégio de escutar uma sentida oração, proferida pelo nosso querido amigo e colaborador sr. Luís Simões Aurélio, acerca da vida e da obra do grande Mestre do Romantismo.

Tão profunda impressão causaram no auditório as palavras do nosso amigo que foram vários os pedidos para a sua publicação no jornal.

É o que começamos a fazer neste número, embora em forma resumida, dando assim satisfação aos desejos dos nossos leitores e enriquecendo estas páginas com valiosas considerações que seria lamentável não ficarem registadas.

Na manhã do dia 8 de Julho de 1832, sete mil e quinhentos homens, sob o comando de D. Pedro IV, desembarcaram nas areias de Arnosa do Pampelido, não longe da Praia do Mindelo, arrabaldes do Porto. No peito desses homens, o coração bater-lhes-ia, provàvelmente, desordenado perante a incerteza das horas e dos dias que se lhes iriam seguir. Contudo, o ânimo era forte e resoluto na decisão inabalável de libertar Portugal do jugo absolutista de D. Miguel.

Marcham sobre o Porto, que ocupam e as forças miguelistas haviam abandonado num movimento táctico, e ali, aclamados pela população, arvorado assim o velho burgo em baluarte da Liberdade, vêm a suportar, durante longos meses, o mais sangrento e prolongado cerco da guerra civil entre Constitucionais e Absolutistas, que Simão José da Luz Soriano, outro combatente da Liberdade, nos deixou descrito na sua «História do Cerco do Porto».

Quase ignorado, perdido entre a multidão dos desembarcados no Mindelo, um obscuro soldado, moço apenas de 22 anos, que havia assentado praça no Batalhão dos Voluntários da Rainha, na Ilha Terceira donde proviera a expedição, voltava a pisar solo pátrio após ter provado já, apesar de bem novo, o travo amargo do exílio. Como tantos outros dos seus companheiros, bateu-se bravamente em mais de um combate e mais tarde, quando abandonava a vida militar, substituída a clavina pela pena, esta, manejada por mão vigorosa, impulsionada por um cérebro prodigioso, seria ainda poderosa arma de combate em defesa das suas convicções e, acima de tudo, da Verdade, que foi uma constante na sua vida. Esse obscuro soldado era Alexandre Herculano. Com ele, outro companheiro, Almeida Garrett, onze anos mais velho, desembarcara. Ambos liberais, companheiros de armas e exilados, ambos voltavam à Pátria, da qual haviam sido proscritos em holocausto às suas convicções, ambos viriam a deixar vinculados os seus nomes nas páginas da História da Literatura Portuguesa como precursores, entre nós, do Romantismo.

Oriundo de família modesta, seu pai era funcionário da Junta de Juros, antecessora da actual Junta do Crédito Público, e seu avô materno pedreiro e mestre-de-obras da Casa Real, Alexandre Herculano de Carvalho Araújo nasceu a 28 de Março de 1810, numa casa do Pátio do Gil, em Lisboa, na Rua de S. Bento, pátio este há poucos anos demolido e à entrada do qual existiu uma lápide evocativa do nascimento deste eminente homem.

Vindo ao mundo num período agitado da vida portuguesa, em que a corrente de novas ideias políticas inquietava os homens de então e foram o prólogo da revolução liberal de 24 de Agosto de 1820 da qual sairia a primeira Constituição, a mocidade de Herculano decorreu numa época de gestação de ideias e novas fórmulas de governo que não deixariam de influenciar o seu espírito.

Recebida a primeira educação literária na Congregação de S. Filipe Néri, também designada por Congregação do Oratório, Alexandre Herculano teve por mestres os eruditos padres oratorianos Vicente da Cruz e António Pereira de Figueiredo. Era esta ordem religiosa tida, entre as que ministravam o ensino, como a mais intelectual e nela o jovem Herculano estudou Humanidades, Lógica e Bíblia, preparando-se para a Universidade. Destino frustrado, porém, por um infeliz acontecimento, pois Teodoro Cândido de Araújo, pai de Herculano, cegara tinha o moço dezassete anos. Interrompidos os estudos, mas possuidor de incansável ânsia de saber, aliada a uma vontade férrea, Herculano aprende francês, inglês e alemão, em 1830 matricula-se na Aula de Comércio, que havia sido instituída pelo Marquês de Pombal e, na Torre do Tombo, estuda Diplomática e Paleografia que tão úteis se tornariam, anos volvidos, ao futuro historiador.

Na Europa, a par da transformação política que se ia operando, algo de novo surgiu no campo da literatura. A ocupação napoleónica da Alemanha gerara neste país uma forte reacção contrária que alimentava as suas energias nas velhas tradições nacionais da Idade Média, dando origem ao aparecimento do Romantismo, nova tendência literária dos escritores do princípio do séc. XIX, que, desprezando as fórmulas clássicas até então correntes, lança em voga a Idade Média e traz como consequência o desenvolvimento dos estudos históricos. Com Chateaubriand e Madame de Stäel, o Romantismo irradiou para França e surge na Inglaterra com Byron e Walter Scott.

Uma ilustre dama da aristocracia portuguesa, D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna, muito viajada na Europa, traz a Portugal o conhecimento da nova literatura alemã divulgada na roda dos frequentadores das suas tertúlias literárias, entre os quais se contava o jovem Alexandre Herculano, que foi apresentado à Marquesa, parece que em 1830. Dotado de sólida preparação intelectual, revelando uma extraordinária maturidade de pensamento e conhecedor da língua alemã, poder-se-á bem avaliar quanto profunda impressão teria o jovem recebido dos ensinamentos que a Marquesa de Alorna, embora já octogenária nessa altura, mas brilhantíssima de espírito, lhe proporcionou. Alguns anos mais tarde, ao referir-se à distinta poetisa a quem Filinto Elísio, outro poeta, crismou literàriamente de Alcipe, Herculano escrevia no «Panorama»:

«Aquela mulher extraordinária, a quem só faltou outra pátria, que não fosse esta pobre e esquecida Terra de Portugal, para ser uma das mais brilhantes provas contra as vãs pretensões de superioridade do nosso sexo, é que eu devi incitamento e protecção literária quando ainda no verdor dos anos dava os primeiros passos na estrada das letras».

(Continua)

AOS GRUPOS DE ESCOTEIROS!

Uma oferta muito especial, mas limitada

Temos na nossa Redacção algumas —poucas— colecções de «Sempre Pronto» dos números 1 a 250, que estamos prontos a oferecer às unidades escoteiras que as solicitem, tomando no entanto o compromisso de as encadernar. Estes volumes constituirão valiosas obras para a Biblioteca dos Grupos, onde a história e a vida do Movimento estará bem registada.

Para que esta oferta constitua um Prémio, ela será feita aos Grupos que nos enviarem pelo menos cinco assinaturas anuais do «Sempre Pronto». Uma oferta importante em troca de um serviço fácil, mas também muito útil.

Quem responde?

Agentes, Correspondentes e Delegados de «Sempre Pronto»

A difusão do «Sempre Pronto» em todo o país e, sobretudo, junto de cada unidade escoteira, exige a colaboração dedicada e assídua dos nossos representantes que nos remetem notícias, resolvem problemas de cobrança, promovem a venda avulsa e, de uma maneira geral, representam o jornal no seu campo de trabalho.

Temos tido a felicidade de contar com um bom número destes colaboradores, que solicitamente nos têm prestado os melhores serviços. Hoje encontram-se vagos alguns destes lugares, com prejuízo para a difusão do «Sempre Pronto». Daqui lançamos o apelo a todos os Dirigentes Escoteiros para que nos ajudem a encontrar elementos que estejam prontos a cooperar neste trabalho tão útil.

Presentemente, temos os seguintes representantes:

Delegado no Norte — Vago.

Delegado nos Açores — Jacinto dos Reis Moniz Silva.

Agentes-Correspondentes:

No Grupo n.º 44 — Gaia — Luís António Rangel de Quadros Tavares.

No Grupo n.º 84 — Entroncamento — Vítor João Vergamota.

No Grupo n.º 93 — Sintra — João Henriques Pereira Soares.

No Grupo n.º 6 — Olhão — João Lobo Miranda Trigueiros.

No Grupo n.º 77 — Faro — Manuel José Martins.

No Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António — José Manuel Pereira.

No Grupo n.º 24 — Funchal — António Pestana.

Delegado em Angola — António Augusto da Silva e Cunha.

Correspondente em Benguela — Manuel Nunes Pereira.

Correspondente na Beira (Moçambique) — Manuel Rodrigues.

A todos estes nossos dedicados colaboradores enviamos, no 25.º aniversário, as saudações de «Sempre Pronto».



Coronel J. S. Wilson

Estava o presente número de «Sempre Pronto» já organizado quando nos chegou a infausta notícia do falecimento em vésperas do Natal do prestigioso dirigente escoteiro britânico, o nosso estimado amigo Sr. J. S. Wilson, a figura do Escotismo Mundial mais conhecida depois de Baden-Powell.



Wilson iniciou a sua vida escoteira na Índia, como dirigente, e foi aí que conheceu B.-P. Ao regressar à Grã-Bretanha, o Fundador solicitou imediatamente a sua colaboração. Foi Director do «Gilwell Park», Campo-Escola de Chefes de Inglaterra, que tem orientado a formação de dirigentes do Escotismo em todo o Mundo, tendo-se notabilizado no desempenho do cargo «Camp-Chief». Logo que terminou a guerra e o Escotismo Mundial voltou à actividade normal, o coronel Wilson foi escolhido para Director da Repartição Mundial, onde a sua acção se revestiu do maior relevo.

Era conhecido entre os seus amigos de todas as nações por «Belge» e mantinha as melhores relações com dirigentes de todas as associações escoteiras, contando muitas amizades em Portugal, país que sempre lhe mereceu o melhor interesse.

Quando, há 25 anos, «Sempre Pronto» iniciou a sua publicação, enviámos para Inglaterra o nosso primeiro número. Estávamos em plena guerra, mas Wilson trabalhava pelo Escotismo. Assim que recebeu o «Sempre Pronto», logo nos escreveu entusiasmado e pedindo-nos notícias do Escotismo em Portugal, pois julgava que tinha desaparecido. Isso mesmo escreveu num pequeno boletim de quatro páginas que naquele momento iniciava também a sua publicação substituindo a revista «World Scouting».

Wilson era Presidente Honorário da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias e seu grande inspirador. Esteve sempre presente em todas as Assembleias, o mesmo acontecendo com as actividades mundiais do Escotismo onde a sua presença era familiar.

Tomou parte na Conferência de Comissários Internacionais que se realizou em Portugal em 1950. Na gravura que acompanha esta notícia, vê-se Wilson ladeado pelos comissários internacionais da A. E. P. e do C. N. E. Srs. Eng.º J. M. Nobre Santos e Vítor Lima e Santos, numa visita ao mosteiro dos Jerónimos então realizada, em reportagem do «Sempre Pronto».

No próximo número esperamos poder publicar uma mais completa biografia de J. S. Wilson, bem como algum dos seus artigos, pois a sua actividade literária foi muito intensa.

O Escotismo Mundial fica de luto pois partiu um dos seus mais prestigiosos dirigentes. Curvemo-nos em sentida homenagem à sua memória.

Outro antigo escoteiro chamado ao Governo Português

Pela recente remodelação ministerial, foi chamado para gerir a pasta das Corporações, Previdência Social, Saúde e Assistência o Sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que ocupava o alto cargo de Governador-Geral de Moçambique, onde uma vez mais afirmou a sua inteligência e carácter.

O Sr. Dr. Rebelo de Sousa, que ocupou já o cargo de Subsecretário de Estado da Educação Nacional, foi escoteiro na sua mocidade e dirigente da Associação dos Escoteiros de Portugal, tendo ocupado a secretaria-geral da Direcção Central em 1950.

Ver um Antigo Escoteiro, que tem dado repetidas provas de fidelidade à Promessa, ocupar cargo de tanta importância no Governo da Nação, é motivo de muita satisfação para todos nós, na certeza de que muito podemos esperar da sua acção em prol dos problemas tão relevantes da saúde e da previdência social.

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» saúdam o Sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa e o felicitam pela sua nomeação.

Manuel V. Leiria

Conforme noticiámos em Agosto último, faleceu em Fevereiro do ano findo, em Carmona, Angola o antigo dirigente escoteiro Sr. Manuel V. Leiria, que dissemos ter pertencido ao Grupo n.º 6, de Olhão, onde tivemos o prazer de o conhecer e apreciar as suas qualidades de dirigente escoteiro.

Seu irmão, o nosso companheiro Sr. Maximiano Leiria, escreve-nos do Dondo (Beira) a agradecer a simpatia que aqui manifestámos e acrescenta que o entusiasmo de seu irmão pelo Escotismo vinha já de longa data, pois foi graças ao seu labor que em Tavira se fundou por volta de 1923 o Grupo n.º 59, cujas primeiras reuniões se realizaram em casa de seus Avós, onde funcionou a primeira sede.

Embora soubéssemos da grande dedicação de Manuel Leiria pelo escotismo e conhecêssemos a sua formação e fidelidade aos ideais de B.-P., não sabíamos que o Grupo n.º 59 de Tavira se devia aos seus esforços, pelo que fazemos este registo com muita satisfação.

Saudações ao «Sempre Pronto» no 25.º aniversário da sua fundação

A passagem do aniversário do nosso jornal, foi motivo para que muitos dos nossos amigos nos enviassem simpáticas saudações. Assim tivemos o prazer de registar o recebimento das seguintes mensagens:

Telegrama do nosso Delegado nos Açores e Chefe do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal:

Motivo passagem vigésimo quinto aniversário jornal Sempre Pronto saúdo com muita amizade todos quantos trabalham nosso jornal intemerato defensor causa escotista apresentando sinceros votos muitas prosperidades.

Jacinto dos Reis Moniz Silva

O Escotismo do Norte saúda «Sempre Pronto» com o seguinte telegrama:

Justino Estêvão Silva, Associação dos Escoteiros de Portugal:

Favor apresentar elementos Sempre Pronto confraternização vinte cinco anos saudações escotistas votos prosperidades nome Chefes Núcleos Porto e Gaia, Grupos Quatro, Quinze, Dezassete, Dezoito, Quarenta e um, Quarenta e quatro, Noventa e um A. E. P. — Jorge Fernandes.

Telegrama do Sr. Engenheiro José Maria Nobre Santos:

Saúdo jornal Dirigentes e Simpatizantes. Na minha ausência envio cem escudos Fundo Auxílio Escotista agora criado sugerindo divulgação ideia presentes.

Nobre Santos.

De Madrid, o nosso antigo colaborador e dedicado amigo Enrique Genovés, Chefe Escoteiro Nacional de Espanha, escreve-nos uma carta onde nos manifesta a sua simpatia e amizade, dizendo:

Meu querido amigo e irmão escoteiro:

Esta carta não tem outro objecto senão unir-me a vós, de alguma maneira, na celebração do 25.º aniversário de «Sempre Pronto», enviar-vos a minha felicitação por tal motivo, expressar a minha admiração para essa pequena equipa que leva cinco lustros deitando à rua o periódico, e agradecer-vos as vossas atenções de sempre comigo e com o Escotismo do meu país.

Vinte e cinco anos dedicados a uma mesma tarefa, de lutar com dificuldades, de ocupar-se disso que parece tão simples e que tantos quebra-cabeças produz, como é o lograr que mês após mês, vejam a luz umas folhas impressas, são muitos anos. É uma larga meta, mas vós a haveis conquistado e podeis sentir-vos plenos de são orgulho.

Desejo-vos outros vinte e cinco anos de êxito, de fé e de constância para «Sempre Pronto», e espero que nos possamos reunir todos a celebrar o 50.º aniversário, ainda que tenhamos de acudir apoiando-nos num bastão.

Um forte abraço a todos e os melhores sentimentos do teu bom amigo e irmão escoteiro.

Sempre pronto para servir
Enrique Genovés
Chefe-Escoteiro Nacional

Continua na pág. 13

No 25.º aniversário de «Sempre Pronto»

Um almoço de confraternização

com alguns dos mais devotados amigos

Foi mais uma jornada de amizade e camaradagem, que reuniu em volta da pequena equipa que aqui trabalha um apreciado grupo de amigos, que mais uma vez nos vieram trazer o calor do seu aplauso e palavras de estímulo para o prosseguimento de um esforço que desejamos levar por diante, ao serviço do Escotismo e da juventude portuguesa.

Presidiu ao repasto o nosso estimado amigo e destacado colaborador Reverendo Eduardo Moreira, ladeado pelos Srs. Humberto Martins, presidente da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros, e Dr. Eugénio Ramos.

Aos brindes usou da palavra o Sr. Humberto Martins que, em nome da Fraternal, leu uma mensagem de saudação e aplauso ao trabalho desenvolvido pelo nosso jornal ao longo dos seus 25 anos.

Falou em seguida o nosso colaborador Sr. Luís Simões Aurélio, que saudou quantos aqui trabalham com palavras de muita amizade. Referindo a sua efémera passagem pelo Escotismo e o seu acidental conhecimento da existência de «Sempre Pronto» quando este já tinha mais de um ano de existência, disse a certa altura: «Graças à acção deste jornal eu hoje conto um número muito maior de amigos do que antes de ter conhecimento da sua existência, com a vantagem de serem todos formados na mesma escola de virtudes que é o Escotismo, a qual S. P. tem sabido defender e cujo ideal tem sabido manter aceso. Estou plenamente convencido que o meu não é caso único, pois de norte a sul de Portugal, nas Ilhas e no Ultramar S. P. tem congregado, com a sua persistente acção, muitas amizades, muito interesse e muita dedicação à causa escotista. E porque S. P. tem sabido cumprir um dever extraordinário à sombra desse ideal, eu considero que a existência de S. P. é uma grande Boa Acção colectiva».

Depois, tomou a palavra o Sr. Dr. Eugénio Ramos que começou por referir a sua satisfação por se encontrar presente, tecendo, a seguir, algumas considerações sobre o valor do Escotismo e da sua acção na valorização dos indivíduos e das nações e, a terminar, saudou os dirigentes do nosso jornal nos seguintes termos: «Numa saudação muito amiga, queria apenas dizer-lhes que apesar de todas as insatisfações não dêem por mal empregado o vosso tempo, apesar de todas as razões de queixa que possam ter, por incompreensões ou falta de colaboração, admitem que muitas delas são o fruto da falta de possibilidade de compreender as coisas, enfim, são tudo fraquezas humanas, mas que tudo isso está compensado até pela circunstância de não terem desistido. Que o S. P. continue na sua obra em prol do Escotismo, ajudando a que este seja um meio, não de certas coisas para que por vezes tem sido erradamente utilizado, mas um meio de alcançar o verdadeiro fim a que se destina, que é a formação do carácter do rapaz. Portanto, enquanto tiverdes forças para continuar nessa obra e forças para a transmitir quando tiverdes necessidade de o dizer... para diante!»

E, fazendo graça das suas prerrogativas profissionais, considerou-se procurador de todos os leitores do S. P. e, nessa qualidade, abraçou efusivamente o nosso director.

O Sr. António Pinto, membro da direcção do Grupo n.º 23 de Queluz, usou igualmente da palavra para apresentar, em nome daquela unidade escotista, saudações ao nosso jornal pelo seu aniversário.

O Rev.º Eduardo Moreira, sempre jovial, traçou no seu estilo inconfundível algumas filosóficas considerações sobre a vida na base da comparação entre tempo-espaço e esferas-cubos, definição de movimento (esfera) e fixação (cubo), condições essenciais para a vivência humana. Aplicou depois tais considerações ao Escotismo, dizendo: «O que é preciso é o Escotismo ter homens e factos. O que tem faltado ao Escotismo em Portugal são chefes. Poucos homens, poucos chefes. O chefe é o homem que forma outros homens, em movimento, mas que precisa de formar-se no cubo, nas ideias fixas, nas ideias que predominam, nas ideias que permanecem, nas ideias que dão valor ao movimento... é preciso que realmente o Escotismo busque homens para que eles, com factos, desenvolvam, animem e façam frutificar no Escotismo. Isso está no meu coração e certamente no coração de todos ao cumprimentar mais uma vez os nossos homens, os heróis do «Sempre Pronto».

Em nome das senhoras presentes, falou a seguir a Sr.ª D. Mariana Saragoça Ribeiro que agradeceu ao Rev.º Eduardo Moreira o elogio que havia feito às esposas dos chefes de escoteiros pelo seu espírito de sacrifício e compreensão, dizendo ainda: «Nunca fui escoteira, nem entendo muito do Escotismo, mas em casa, depois do casamento, sempre tenho ouvido falar de Escotismo e creio que esse micròbiozinho já me contagiou e de uma maneira muito interessante, pois que ele se está transmitindo às minhas filhas. A mais velha é já fadinha e espero que a mais pequena o venha a ser também. Portanto, daqui por uns anos, visto que se está agora falando tanto de promoção feminina, talvez que a continuidade de S. P. esteja assegurada dentro da nossa própria família, se ao micróbio do Escotismo se juntar um outro, o do jornalismo, que minhas filhas poderão ter herdado pelo gosto que sua mãe fazia daquela actividade e que as obrigações do lar me forçaram a abandonar. Talvez S. P. possa vir a contar com a sua acção... talvez, por isso, S. P. nunca morra continuando a presença dele através das minhas filhas».

Toda a assistência sublinhou com simpatia as conclusões a que chegou algo comovida a oradora, cuja colaboração neste jornal recordamos com muito apreço.

Falou, por fim, o nosso director para agradecer a presença de todos, bem como as saudações e incitamentos dirigidos pelos oradores, afirmando depois: «Nós sabemos perfeitamente que o S. P. não é um grande jornal, é um jornalzinho, mas também as sementes são pequeninas e delas brotam, às vezes, grandes árvores».

Contou depois a história da fundação do nosso jornal e a sua luta de expansão, referindo o esforço da pequena equipa que lhe deu vida. Manifestou depois, na pessoa do Presidente da Fraternal, o seu agradecimento ao apoio recebido dos antigos escoteiros, a sua compreensão e auxílio, acrescentando: «O S. P. se existe é graças à conjunção de boas vontades de pessoas desejosas de servir, que pretendem fazer alguma coisa pelo mundo em que vivemos e que encontram no nosso jornalzinho uma coisa útil e connosco colaboram, tornando possível que nós vamos mantendo esta luz que se chama Escotismo». E mais adiante: «É certo que falham muitas vezes colaborações e boas vontades onde as deveríamos encontrar, mas porque alguns não compreendem que para servir o Escotismo é preciso dizer, às vezes, que determinada coisa está mal. Ora é preciso habituarmo-nos a dizer uns aos outros, olhos nos olhos, *isto está mal*, quando está mal, num clima de lealdade que se impõe persista entre nós».

E depois de mais algumas considerações sobre o que é a acção crítica de um jornal, referiu-se ao problema da juventude acentuando: «Julgo que o Escotismo é no momento presente um movimento que merece ser apoiado. Estamos numa época em que a juventude resolveu contestar. E nem sempre os adultos dão ouvidos àquilo que a juventude diz. A juventude contesta e nós temos de reconhecer que contesta com razão. Há no mundo actual, na sociedade actual, muita coisa que deve ser contestada. É certo que os jovens nas suas atitudes de contestação, muitas vezes não tomam a atitude positiva de resolução dos problemas. Temos que dizer aos jovens que o primeiro movimento de contestação foi o do Escotismo. Baden-Powell contestou ao criar um movimento que se opunha à deficiente formação da juventude, à vida cómoda, ao luxo da sociedade, aos prazeres da vida fácil. Só que ao mal B.-P. opunha o bem, ao fácil o difícil, ao cómodo o esforço, levando os jovens para a natureza através de um movimento viril que exigia esforço, actividade, nervos, músculos, inteligência, trabalhando pelo bem em tarefas difíceis. Era pois um movimento de contestação o Escotismo».

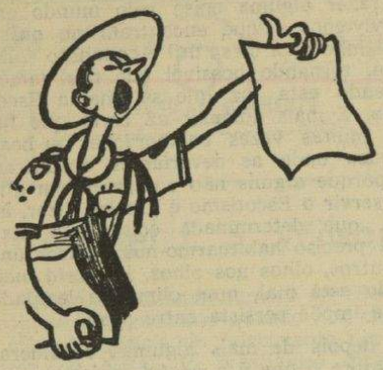
Teve ainda palavras de agradecimento para todos os seus colaboradores, com palavras de simpatia para *Gamo Ligeiro* o nosso mais jovem colaborador efectivo e, dirigindo-se a todos os presentes, termina com as seguintes palavras: «Sempre Pronto», essa pequena coisa, será um auxiliar para o Escotismo. O jornal por si pouco vale, mas por vós todos e por aqueles que aqui não estão mas continuam dispostos a lutar pelo Escotismo merece a pena este esforço. Portanto, em nome do S. P. e de todos aqueles que consigo trabalham eu vos agradeço todas as vossas manifestações de simpatia, toda a vossa amizade, toda a vossa presença, todo o vosso apoio, que tem sido muito. Muito obrigado».

M. G.

★

Tivemos o prazer de reunir em volta da mesa do almoço de confraternização das bodas de prata do «Sempre Pronto» os seguintes amigos e dedicados colaboradores:

Srs. Rev. Eduardo Moreira e sua Filha; Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal; Dr. Eugénio Ramos e Esposa; Rui Cunha e Esposa; Justino Estêvão da Silva, Esposa e Filho; Luís Simões Aurélio e Esposa; José Eduardo Pena Ribeiro, Esposa e Filhas; Luís Alves Miguel, Wolfgang Karl, Idílio Gonçalves, D. Benilde Ribeiro e Sobrinha; António Pinto, Francisco José Azedo Branquinho Carreiras e Esposa; Rui Horácio Filipe Macedo, e ainda os membros do nosso jornal, os camaradas Eduardo Ribeiro e Esposa; Joel Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo e Esposa; Mariano Garcia, Esposa e Filha; Armando Inácio e Esposa, e Joaquim Manuel A. Oliveira.



Reorganização dos serviços de «Sempre Pronto»

O trabalho em «Sempre Pornto» é inteiramente fruto de boas vontades, que gentilmente se esforçam por servir sem outra finalidade que não seja contribuir para a difusão do Escotismo e educação da gente nova.

A direcção do jornal cabe agora em grande parte ao Director-Adjunto, o nosso companheiro Joel Ribeiro, que dedicadamente coordena a colaboração que chega, dando forma a cada edição. Trabalhando aqui há 25 anos é justo que prestemos homenagem à sua dedicação e competência. A sua pena serve sempre os mais altos ideais, com elegância e brilho que merece registo.

Temos agora uma Equipa de Redacção constituída por Mariano Garcia, Armando Inácio e Joaquim Manuel A. Oliveira.

Mariano Garcia, jovem entusiasta, já nos acompanha há alguns anos e os serviços que tem prestado afirmam-nos como polemista de valor, crítico sereno e pertinente, que dá provas do seu conhecimento do Escotismo ao apontar soluções, ao sugerir outros caminhos. É o Redactor que nos faz falta, de cujo esforço muito poderemos esperar e esperamos.

Armando Inácio é o repórter do jornal. Jovem dinâmico, empreendedor, consegue dar animação a todos os trabalhos a que se dedica. Cabe-lhe a tarefa de estar em contacto com os Grupos e congregar os esforços dos nossos mais jovens colaboradores, bem como de organizar concursos. Os seus serviços têm sido da maior utilidade e esperamos que se intensifiquem ainda mais.

Joaquim Manuel Assunção Oliveira, o *Gamo Ligeiro*, é o nosso mais jovem colaborador. Com Armando Inácio, está organizando a Página do Escoteiro, que procuramos especialmente dedicar aos nossos leitores mais jovens.

Temos ainda a promessa de colaboração de outros jovens escoteiros, cuja presença muito desejamos para rejuvenescer o jornal. São eles: João Pedro Mendes da Ponte, Eduardo Miragaia, Raul Pedro e Luís Filipe Brigham da Silva. A sua colaboração já foi iniciada, mas esperamos que se intensifique nos próximos meses. E lançamos o apelo para que se apresentem outros mais, não só de Lisboa, mas de todo o país.

ADMINISTRAÇÃO

A Administração é uma das tarefas mais importantes e mais trabalhosas do jornal. Há 25 anos que este serviço tem estado inteiramente a cargo do Capitolino Ferreira Macedo, que com uma dedicação sem limites o tem realizado. Ultimamente, os serviços de administração têm-se atrasado em virtude de responsabilidades da vida do nosso Administrador, que não tem podido assegurar a regularidade das cobranças por aglomeração de trabalho. Muitos assinantes, dando conta desta dificuldade, têm gentilmente vindo em nosso auxílio remetendo-nos a importância das suas assinaturas.

Precisamos, no entanto, de regularizar estes serviços. Para isso, foi resolvido constituir uma Equipa de Administração, para dividir o trabalho. Esta equipa é chefiada pelo Administrador e conta com a cooperação dos nossos companheiros Ernesto Clímaco do Nascimento e Luís Garcia, que à causa do Escotismo têm prestado longos e relevantes serviços.

Pedimos aos nossos estimados assinantes para darem a melhor colaboração à Administração, desculpando o atraso na cobrança das assinaturas, que agora se vai procurar actualizar, e dando o melhor acolhimento aos recibos enviados à cobrança.

O Director.

O sistema decimal na Grã-Bretanha

Novas moedas britânicas

O Reino Unido enveredará finalmente pelo sistema decimal da sua moeda em 15 de Fevereiro de 1971. A conversão da moeda antiga e as transformações a que a medida força, bem como a preparação do público e a sua adaptação ao novo sistema está a cargo de uma repartição designada por «*Decimal Currency Board*».

A libra inglesa passará a ter 100 «*New Pence*» (Novos Dinheiros), desaparecendo o xelim. São criadas moedas de ½ P. (*New Halfpenny*), 1 p. (*New Penny*), 2 p., 5 p., 10 p. e 50 p., estas duas últimas de prata.

As moedas de 5 p., 10 p. e 50 p., que substituem as antigas moedas de 1, 2 e 10 xelins, estão já sendo lançadas na circulação para que o público se familiarize com o seu uso. As moedas mais pequenas, de cobre, só entrarão a circular no Dia Decimal (*Decimal Day*), 15 de Fevereiro de 1971.

Dificilmente se pode imaginar a transcendência de uma operação desta natureza (1) e o seu elevadíssimo custo. Lembremo-nos que terão de ser transformados inúmeros aparelhos, máquinas de calcular, caixas registadoras, aparelhos de venda de diversos artigos e de bilhetes, e tantos outros de cuja existência dificilmente nos apercebemos.

(1) *Vide «Sempre Pronto» de Julho de 1965.*

TEMAS ESCOTISTAS

Menção Honrosa dos I Jogos Florais Escotistas, organizados pelo Grupo N.º 7

BEM HAJAM, ESCOTEIROS!

Sentir a existência é um prazer,
Evocar o passado, uma saudade!
Lutar por uma causa é defender
Um princípio que forma a sociedade.
Nutrir p'lo semelhante um puro amor
É um doce sentir que não se vê...
É honrar e ser digno sucessor
Do inolvidável criador — B.-P.!

«Vaquelá»

(António Viegas Custódio, ex-chefe do Grupo n.º 12, de Oeiras)

FOGO DE CONSELHO

Sugestão para um programa radiofónico semanal ou bi-semanal

Seria um programa dedicado aos milhares de escoteiros portugueses, quer da Associação dos Escoteiros de Portugal, Corpo Nacional de Escutas, Guias de Portugal (organização feminina) e Fraternal dos Antigos Escoteiros, visando muito especialmente a juventude.

Apresentaria sempre canções escotistas prèviamente gravadas nos grupos, ou nos acampamentos, especialmente que forem realizados no Verão, que teriam maior beleza, pelo seu grande conjunto.

Pequenas entrevistas, contos e narrativas onde seriam focados o amor pelo próximo e a prática da Boa Acção, além de esquemas vários ligados ao Movimento.

Suponho que um programa deste género interessaria tanto aos jovens como ao «ginjas».

Cerimónia que à noite reúne todos os escoteiros para cantar, recitar ou declamar e ouvir os conselhos dos Chefes, no crepitar da fogueira, como símbolo máximo da pureza das almas juvenis, em busca de uma educação superior.

Poderia ser patrocinado por firmas onde se encontram ou são dirigentes antigos escoteiros.

Um programa que faz falta e se impõe para um melhor entendimento entre os homens de boa vontade.

RIBEIRO NUNES

O prazer de servir

Toda a natureza é um anelo de serviço. Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco.

Onde houver uma árvore para plantar, planta-a tu; onde houver um erro para corrigir, corrige-o tu; onde houver uma tarefa para executar, executa-a tu.

Sê tu quem tire a pedra do caminho, o ódio dos corações, e as dificuldades dos problemas.

Há a alegria de ser sincero e de ser justo; há, porém, mais que isso, a bela e imensa alegria de servir.

Como seria triste o mundo se tudo já estivesse feito, se não houvesse uma roseira para plantar, uma iniciativa para tomar?

Não te seduzam as obras fáceis. É belo fazer tudo o que os outros se recusam a fazer.

Não cometas, porém, o erro de pensar que só há merecimento em executar as grandes obras; há pequenos préstimos que são bons serviços: enfeitar uma mesa, arrumar uns livros, pentear uma criança.

Aquele é quem critica, este é quem destrói: *Sê tu quem sirva.*

GABRIELA MISTRAL

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

Notícias da Fraternal

Visita

Passou há poucas semanas por Lisboa o Sr. Sebastião Gonçalves da Silva, residente em New Bedford (Estados Unidos da América), chefe do grupo n.º 45 daquela cidade e instrutor de graduados.

Conhecedor da existência da nossa Fraternal, solicitou a sua admissão como sócio, ficando com o n.º 337 e com a quota anual de 10 dólares.

Secretário da Direcção

Apresentou a demissão de 1.º secretário da Fraternal, o estimado companheiro Manuel Patten Sá Viana, invocando imperiosos motivos da sua vida particular, os quais foram devidamente considerados.

O facto penalizou os restantes membros da Direcção, pois todos estavam esperançados na sua colaboração.

Abriu-se mais funda a brecha difícil de colmatar, tanto mais que o companheiro Almerindo Gonçalves Fernandes, 2.º secretário, nunca pôde dar qualquer participação nas nossas actividades.

Não haverá dois companheiros, entre os 181, que estejam decididos a ajudar-nos?

Fim de Ano

Foi satisfatòriamente mais concorrida que em 1968, desta vez com apreciável presença de escoteiros. A quadra, prejudicada pela gripe, reteve em casa os companheiros mais assíduos. A Secção Campista, mais uma vez, se desempenhou, com a sua capacidade de organização, do cumprimento do programa cuidadosamente elaborado.

Anima-nos o facto da presença dos nossos rapazes do activo, com a sua mocidade saudável e prometedora.

A todos os chefes dos grupos representados, um forte *bravo!* dos veteranos.

H. M.

Festa de Natal no Lar dos Velhinhos, em Costas de Cão

No passado dia 20 de Dezembro, realizou-se no Lar dos Velhinhos, da Misericórdia de Almada, em Costas de Cão, uma festa de Natal organizada pela Secção de Campismo.

Com a participação dos Grupos 5, 8, 19 e 94, organizou-se uma comitiva de cerca de 50 rapazes, os quais, transbordantes de alegria, fizeram um simulacro de Fogo de Conselho, dirigido pelo chefe Armando Inácio, no salão nobre do Lar.

Assistiram à festa, além dos 60 internados de ambos os sexos que aquele Lar acolhe, numerosas pessoas, incluindo algumas dezenas de crianças, o pessoal de serviço e ainda a Sr.ª D. Maria Noelda, directora técnica do Lar, e o Sr. Augusto Santana Araújo, membro da Direcção do Lar e da Mesa Administrativa da Misericórdia.

Dado que os velhinhos deram ampla cooperação às canções, palmas, gritos escotistas e outros números executados pelos escoteiros, viveram-se inolvidáveis momentos de humor, confraternização, alegria e calor humano.

Durante duas horas, os escoteiros prestaram a sua Boa Acção, oferecendo àqueles que nada possuem a maior riqueza que podem ambicionar: o amor sincero do coração humano.

No intervalo da festa, os escoteiros distribuíram lembranças próprias da época do Natal.

Finda esta distribuição, o Sr. Augusto Araújo, falando em nome «dos irmãos e irmãs que neste Lar descansam das agruras da vida» agradeceu a visita e a «tão linda festa dos escoteiros» e pediu uma salva de palmas para os rapazes.

O chefe Armando Inácio agradeceu. em nome dos escoteiros, as palavras do director daquela Casa e afirmou que os escoteiros tinham por missão praticar o Bem e espalhar a alegria.

Salientando, depois, o amor com que os internados são tratados, entoou, em nome dos velhinhos, o coro *Para mim és um bom companheiro*, em honra do Sr. Augusto Araújo.

Finda a festa, a Sr.ª D. Maria Noelda, que superiormente orienta aquele Lar, agradeceu, comovidíssima, a presença dos escoteiros, afirmando que os velhinhos «ficam muito felizes e jamais os esquecerão».

Seguidamente, efectuou-se uma rápida visita às várias dependências do Lar e pudemos verificar que o asseio, a arrumação, o carinho dado aos que ali descansam são de excepcional qualidade, porque ali impera, acima de tudo, o amor de que o ser humano carece.

Com a retirada dos escoteiros, ficou ali a promessa doutras visitas, não apenas no Natal, mas várias vezes no ano.

Oxalá se possa cumprir a promessa.

Lembranças de Natal para as crianças do Hospital de Almada

A comitiva que foi ao Lar dos Velhinhos deslocou-se ao Hospital de Almada, para distribuir lembranças às crianças ali internadas.

A hora tardia a que lá se chegou, não permitiu a entrada, pelo que o chefe Xavier entregou à enfermeira-chefe as lembranças a fim de serem distribuídas no domingo seguinte.

Na prisão de Almada, foram entregues lembranças do Natal e tabaco aos seus reclusos.

Aos companheiros que enviaram os seus donativos, em dinheiro ou em artigos, a Direcção da Fraternal aproveita este meio para agradecer.

A. I.

Da visita ao Lar dos Velhinhos, em Costas de Cão, em Almada, conta-nos o nosso companheiro Eduardo Xavier o seguinte episódio:

«Como de costume, com o seu jeito habitual, era o animador dessa festa o Chefe Armando Inácio. Em certa altura, contou a história da Família Boca Torta, em que os seus membros pretendem todos apagar uma vela, sem o conseguirem por terem a boca torta e o sopro não atingir a chama da vela. Até que vem o mais novo membro da família, que não tem a boca torta, mas que, em vez de apagar a vela com um sopro, como todos antes tentaram, o faz apertando a torcida entre os dedos.

Toda a assistência achou graça, riu e aplaudiu, com excepção de uma velhinha. O Chefe Armando acercou-se dela e perguntou porque não se rira. Ela então respondeu: «— Não percebi a história porque sou cega».

A falta de visão impedira-a de ver os gestos e, portanto, de compreender a história.

O Chefe Armando, num gesto carinhoso, agarrando as mãos da simpática senhora, descreveu-lhe o que tinha contado e que os outros tinham podido ver.

Naturalmente, quando ele me disse o que acontecera, ambos sentimos a mesma comoção.

Assim terminou uma bela jornada escotista, onde não faltou a carinhosa Boa Acção *colectiva e a de um chefe, oferecendo o seu calor e verdadeira amizade ao apertar as mãos daquela velhinha.»*

Visita de cortesia

Em viagem turística esteve alguns dias no nosso País, o Sr. E. R. Van Minen, tesoureiro da Fraternal holandesa dos antigos escoteiros.

O Sr. Van Minen preocupou-se prèviamente em estabelecer contacto com o Sr. Wolfgang Karl, delegado das relações internacionais da Fraternal portuguesa, a quem mostrou o maior desejo em visitar a nossa Sede e conviver com os «antigos» portugueses.

No dia 14 de Janeiro, o nosso visitante esteve na Sede da Fraternal onde foi recebido pelo presidente da Direcção, estando igualmente presentes os Srs. Eduardo Ribeiro e Esposa, Wolfgang Karl, Amílcar Fernandes e filho, António Pinto e Mariano Garcia.

De trato simples e afável, o nosso visitante falou-nos da última conferência de antigos escoteiros a que assistiu em Agosto do ano passado em Gripsholm, Suécia onde estiveram presentes 140 delegados de diversos países, que receberam com pesar, disse-nos, a escusa de Portugal para a realização da próxima reunião que, assim, se efectuará na Austrália, no próximo ano.

O Sr. Van Minen projectou em seguida alguns interessantíssimos «slides» com motivos da referida conferência, bem como da anterior, realizada em Durham, na Escócia, em 1967, na qual esteve presente uma delegação portuguesa.

No final, o presidente da Fraternal ofereceu um «Porto» em honra do visitante.

No dia seguinte, o nosso visitante foi recebido pela Direcção dos Escoteiros de Portugal, com a presença dos Srs. Albano da Silva, Comandante Diogo Afonso e Eng.º José M. Nobre Santos, com quem trocou impressões acerca do Movimento, afirmando a sua satisfação pelos contactos com o Escotismo em Portugal.

O nosso companheiro Wolf Karl proporcionou ao Sr. Van Minen visitas aos principais monumentos e museus de Lisboa.

M. G.

Ernesto Clímaco do Nascimento

Retido em casa há várias semanas por doença, registou já boas melhoras este nosso tão dedicado amigo e colaborador, membro da Equipa de Administração de «Sempre Pronto». Congratulamo-nos com as melhoras alcançadas e fazemos votos por um restabelecimento completo.

Por ocasião do almoço de aniversário de «Sempre Pronto», impossibilitado de comparecer, telefonou a manifestar a sua saudade e a formular votos para o jornal e saudações para os presentes.

Espeleologia

Tendo a Chefia-Geral verificado nos grupos da área de Lisboa um interesse notável por actividades de espeleologia, resolveu dar todo o seu apoio a estas iniciativas dado o valor que estas têm para os Caminheiros.

Para isso, estão sendo programadas algumas actividades de conjunto devidamente orientadas e na Sede Central estão sendo realizadas reuniões de Caminheiros para estudo desta especialidade.

O 25.º ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL

pelo Professor A. Álvaro Dória

Continuação da pág. 1

dotar o Escotismo português com um órgão oficioso.

Felizmente nenhum de vós, nenhum de nós pôde prever qual havia de ser a profunda convulsão que viria a dar-se na vida dos homens à face da Terra, e isto permitiu que a pouco e pouco todos nos fôssemos adaptando, **tant bien que mal**, ao espírito dos novos tempos.

Mal dos homens, mal do Mundo se não houvesse evolução, porque então se chegaria à anquilose precursora do fim de tudo. Mas a grande revolução espiritual, moral, social e económica que se vem processando desde 1945, se trouxe exageros condenáveis, como sempre aconteceu no passado, trouxe, por outro lado, benefícios inegáveis à Humanidade, embora os cépticos se esforcem por afirmar ter havido antes um retrocesso.

Se é certo, de facto, que às formidáveis conquistas científicas não correspondeu um avanço equivalente no campo moral; se o ódio persiste em fomentar a perseguição, a tortura e a morte; se as riquezas continuam, em grande parte, nas mãos de uma minoria, enquanto povos inteiros vivem na mais extreme miséria, oferecendo ao Mundo o espectáculo doloroso do seu depauperamento físico e da sua abjecção moral; se a discriminação racial é hoje problema mais agudo do que no passado, sem ao menos ter a atenuante de outros tempos de obedecer a imperativos de uma consciência religiosa por demais susceptível; temos de confessar, se quisermos ser sinceros, que, **apesar de tudo**, se deu um passo em frente.

E quando certa propaganda, no 1.º quartel deste século, se mostrava apostada em desacreditar os princípios proclamados pela Declaração dos Direitos do Homem de 1789, viu-se a nova Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1945 e, pela primeira vez, uma Carta dos Direitos da Criança a demonstrar triunfalmente que se a Animalidade conseguira fugir dos recessos mais íntimos do subconsciente dos homens e ofuscar aparentemente a luminosa Humanidade, esta conseguira, por sua vez, relegá-la para o seu antro escuro onde subjaz à espera do momento propício para subir de novo à superfície.

Porque é já uma conquista positiva dos homens reconhecer que o Mal — vindo do fundo dos tempos — campeia e que à sua consciência se impõe destruí-lo. Se fosse de outro modo, ai da Humanidade, porque teria então retrocedido à Animalidade, tal como nas velhas histórias medievais o Diabo acabava sempre por arrastar consigo as almas dos precitos.

Ora, Camaradas, se o reconhecimento do Mal é uma conquista, estou absolutamente certo de que uma alavanca poderosa capaz de contribuir, não digo para o destruir porque milhares de anos serão precisos antes de a alma do Homem se despir finalmente dos resquícios de um multissecular estado inferior, mas para o atenuar, são os princípios éticos sobre que assenta o Escotismo, traduzidos lapidarmente na LEI.

Se decorreram muitas décadas, que foram cruciais na vida do Mundo, desde qué Baden-Powell formulou esses princípios e os fixou num novo Decálogo cuja essência é indestrutível, a verdade é que, exactamente por isso mesmo, ele tem tanta actualidade hoje como há 60 anos. Mudaram os tempos, mudaram os costumes, mudaram até os ideais norteadores da vida dos homens. Não mudou, não pode mudar a essência da alma humana, matéria imponderável e subtil, susceptível de perfeição e que para esta sempre tende, porque é esse objectivo final que caracteriza verdadeiramente o Homem.

Sobre todo aquele que tem o encargo de dirigir jovens, em particular os Chefes escoteiros, pesa essa grave responsabilidade, a de insuflar no espírito dos rapazes a essência da Lei, conduzindo-os pelos caminhos que levam à perfeição moral do Homem. Esse é a verdadeira chave do êxito. Quantos Chefes estarão de posse dela? Quantos terão pesado no seu íntimo tal responsabilidade? Quantos poderão enfrentar, sem temer, a sua própria consciência?

Ao comemorar-se o 25.º aniversário do «**SEMPRE PRONTO**», sinto a alegria de reconhecer que tem sido o nosso jornal o grande pioneiro desses princípios, assim contribuindo para a dignificação do Movimento e para abnegadamente demonstrar que o Escotismo não morreu nem pode morrer em Portugal.

Através do nosso jornal, Camaradas, tendes vós, a despeito de todas as peias que, de um lado ou do outro, têm procurado deter-vos, mantido vivo e crepitante o fogo sagrado de um Ideal, aquele que abraçámos nos nossos verdes anos e desde então ficou para sempre a viver no nosso coração e a fazer parte do nosso próprio ser moral.

Exortando-vos — e será isso necessário, depois de tantas provas dadas da mais generosa devoção pelo Escotismo? — a prosseguirdes no caminho que há 25 anos começastes a trilhar, saúdo-vos com emoção e com esperança, assegurando-vos ainda a minha mais leal colaboração. Tal como nas velhas cerimónias de investidura de outros tempos, também vos digo: — **Ad multos annos!**

Abraça-vos com amizade o velho camarada

A. ÁLVARO DÓRIA

Braga, Natal de 1969.

Uma actividade desportiva para Caminheiros da área de Lisboa

A Comissão de Caminheiros que está a organizar actividades desportivas para os Grupos da área de Lisboa, vai promover uma prova de corta-mato no dia 15 de Fevereiro próximo.

O local da concentração será em Carcavelos, com visita ao Grupo n.º 16, que se encarregou da organização das provas. A concentração será feita na estação de Carcavelos às 10 horas e as provas terão início meia hora depois. Os concorrentes serão divididos em duas categorias. Dos 13 aos 16 e dos 17 aos 21 anos, percorrendo respectivamente 800 e 2 000 m.

Serão atribuídas medalhas aos três primeiros classificados de cada categoria.

O ESFORÇO CONTINUA!

Continuação da pág. 1

por louvar aquilo que for digno e elogiar quem pelo seu trabalho eficiente tiver merecido aprovação. As colunas do nosso jornal testemunham que temos sido fiéis a esta orientação. Naturalmente que não possuímos o exclusivo da razão, podemos evidentemente estar errados, mas as nossas colunas estão abertas ao diálogo e todos têm oportunidade de defender os seus pontos de vista.

Aquele grupo de jovens que iniciou a publicação de «Sempre Pronto», se prestou serviço durante vinte e cinco anos, também avançou na idade e a juventude, esse período feliz e fugaz da existência humana, passou. Mas é necessário manter o carácter juvenil deste jornal. Outros jovens se estão apresentando para servir. Esperamos que tomem o lugar daqueles que já prestaram serviço, num *render da guarda* natural. A hora continua a ser de esforço! O Escotismo continua a necessitar de estímulo, o mundo em que vivemos nunca como hoje careceu tanto de boas-vontades. Se temos tantos amigos que nos acompanham e nos apoiam, outra coisa não podemos fazer senão prosseguir no esforço. E assim faremos enquanto Deus nos ajudar.

Os 25 anos de «Sempre Pronto» no Norte

Mesa redonda com os dirigentes nortenhos sobre a acção de «Sempre Pronto» e o Escotismo

(Do nosso enviado)

«Alô, Mendes dos Santos? Sim... sou. Amanhã estarei aí, no Porto. Gostaria de falar um pouco com alguns dirigentes daí sobre o escotismo em geral e, principalmente, sobre os 25 anos do «Sempre Pronto». Sim?... Podemos reunir?... Tratas de tudo?! ! Obrigado, até amanhã.»

Foi com esta facilidade que iniciámos a nossa tarefa. Um telefonema seria o suficiente para se conseguir o contacto desejado, dentro daquilo que as limitações de tempo nos permitiam, já que o interesse dos dirigentes nortenhos pelas coisas do escotismo é questão que nunca esteve em causa.

Por isso, não nos surpreendeu que, na manhã chuvosa e fria de domingo, bem cedo pudéssemos iniciar uma interessante e proveitosa conversa com alguns dos mais representativos elementos da A. E. P. no Norte.

Presentes os chefes dos núcleos do Porto e V. N. de Gaia, Srs. Vidal dos Santos e Arnaldo Couto; presentes igualmente os dirigentes daqueles núcleos José Mendes dos Santos, Jorge Dias Fernandes, Manuel Teixeira, Horácio Paiva, Joaquim Saraiva, Dâmaso Magalhães e José Guilherme.

Da bagagem do repórter, faziam parte algumas perguntas que gostaríamos ver respondidas individualmente por cada um dos presentes. Todavia, perante a perspectiva de tão útil troca de impressões não resistimos a propor que a reunião se transformasse em *mesa redonda*, em que cada um expressasse livremente o seu pensamento, quer sobre o nosso jornal, quer sobre o momento actual do escotismo, cabendo-nos o registo das válidas afirmações proferidas, procurando dar às mesmas o valor do interessante colóquio do qual fomos protagonista e interessado assistente.

...em que o assunto é «Sempre Pronto»

Rev. Vidal dos Santos: «Sempre Pronto é, quanto a nós, um elemento indispensável, pois nos habituámos a ver nele um irmão, não o mais velho, porque somos mais velhos do que ele, mas o mais sabedor, o que possui maior bagagem escotista, porque reúne em si a opinião e o saber de muitos, tornado naquele *escoteiro* a quem podemos recorrer sempre que necessário. Muitas vezes recorro a esse amigo para recolher as suas opiniões e receber dele o melhor que possa dar-me como conselheiro da minha vida escotista. Talvez não tenha cá no Norte a expansão que merecia e que deveria ter, mas isso não representa má vontade pelo jornal...»

Manuel Teixeira: «Poucos rapazes lêem o jornal...»

José Mendes dos Santos: «O Sempre Pronto não tem sido defendido por forma a ser conhecido pelos escoteiros. No meu tempo de escoteiro, recordo que na patrulha existia uma pasta onde se arquivava o jornal, que podia ser lido por todos os escoteiros. Creio que esse hábito se perdeu em alguns grupos».

Repórter: «Vamos interessar o rapaz pelo jornal?»

Jorge Dias Fernandes: «O Sempre Pronto quase não fala do Norte...»

Joaquim Saraiva: «... o nível da maioria dos artigos é muito superior ao comum dos escoteiros.»

Repórter: «Não existem correspondentes regulares aqui no Norte, não obstante os nossos esforços nesse sentido... «Sempre Pronto» sempre teve como principal preocupação servir o rapaz. O regresso da *página do escoteiro* totalmente orientada por um jovem é disso prova concludente.»

Manuel Teixeira: «Julgo que seria possível a todos os grupos ter uma pessoa encarregada de fazer e enviar o seu noticiário. Mas o ideal seria ter um colaborador que se ocupasse exclusivamente de reunir todo esse noticiário e, até, juntar-lhe notícias próprias do que observasse aqui e ali».

Repórter (propõe): «Vamos arranjar um colaborador que tenha a seu cargo uma *Secção do Norte*?»

Horácio Paiva: «A ideia é muito interessante. Creio que será possível encontrar entre os nossos jovens um colaborador que reúna condições para esse trabalho... Depois, devemos divulgar o jornal como coisa nossa... Proponho-me assinante».

Mendes dos Santos: «É preciso não confundir o colaborador de um jornal com um espia que vai visitar os grupos apenas para comentar malèvolamente. Essa ideia poderia prejudicar o seu trabalho e o bom entendimento entre os grupos».

Chefe Arnaldo Couto: «Acho que seria vantajoso para o «Sempre Pronto» e vantajoso para o Norte, que o jornal trouxesse mais ao de cima as actividades que se têm feito no Norte. É certo que o «Sempre Pronto» pode dizer que não tem notícias cá de cima, mas acho que isso pode ter uma solução e seria interessante encontrá-la».

Repórter: «A presença no Porto de todo o corpo directivo do Sempre Pronto, quando do último acampamento regional é bem significativa do interesse que o Norte nos merece».

José Mendes dos Santos: «Essa presença e algumas afirmações lidas em «Sempre Pronto» em defesa e propaganda dessa actividade são para nós a garantia de uma estima que nunca pusemos em dúvida».

Agora o tema é: Escotismo

Rev. Vidal dos Santos: «Não se diga que no Norte não há escotismo. Vivemos com certas dificuldades, é certo, dificuldades que já vêm de longe, mas algumas delas nascidas em nós mesmos, porque nem sempre nós, dirigentes, temos possibilidade de dar ao Movimento a expansão que precisava ter... No entanto, cá vamos trabalhando, fazendo o melhor possível.

José Mendes dos Santos: «No meu grupo, o ritmo continua, embora sujeito a naturais oscilações. Pelo que tenho observado e segundo as notícias de que disponho, não estamos a fazer aqui pior trabalho do que nas outras regiões do País. Creio, no entanto, que poderemos melhorar».

Arnaldo Couto: «Existem aqui grupos com bom efectivo e a desenvolverem trabalho bastante aceitável. O Norte tem naturais condições para a expansão do escotismo. Falta-nos, porém, maior contacto e competição que estimulem as actividades... Mesmo o convívio com dirigentes de outras zonas nos faz muita falta. Oportunidades como esta de nos reunirmos em troca ampla de impressões deveriam ser mais frequentes».

Joaquim Saraiva: «Continuo a treinar os meus rapazes no aspecto prático, mais de feição à sua mentalidade, contando para isso com auxiliares que vêm prestando bons serviços».

Repórter: «O Acampamento Regional de 1967 foi um óptimo indicativo do poder realizador dos chefes nortenhos».

Manuel Teixeira: «Seria bom poder fazer-se uma nova actividade desse tipo».

José Mendes dos Santos: «Gostaria que fosse possível trazer um Acampamento Nacional até ao Norte. Compreendo certas razões aduzidas para que as actividades nacionais continuem a fazer-se exclusivamente no Parque da Caparica, mas parece-me um tanto prejudicial essa habituação. O C. N. E., que também possui parques privativos, varia constantemente o local dos acampamentos nacionais».

Arnaldo Couto: «Na Caparica ou qualquer outro lado, o preciso é que se façam muitas e boas actividades, como ponto de partida para uma expansão que o Escotismo bem precisa... e merece».

M. G.

Os dirigentes nortenhos saudaram «Sempre Pronto» pelos seus 25 anos

Deslocando-se propositadamente ao Porto para conviver durante alguns momentos com o escotismo nortenho, «Sempre Pronto» teve mais uma vez oportunidade de verificar que possui ali bons amigos.

A reunião útil de trabalho confundiu-se fàcilmente com a confraternização agradável, em ambiente de sã camaradagem.

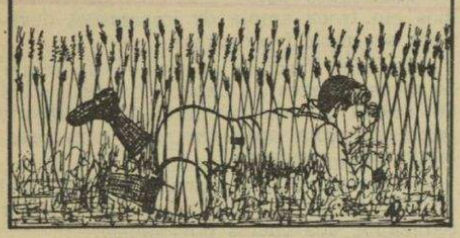
Em nome de todos os dirigentes reunidos em *mesa redonda* na sede do grupo n.º 15, o chefe do Núcleo do Porto, Rev. Vidal dos Santos, saudou nestes termos o nosso jornal:

«Agradeço a saudação ao Norte que representa a presença do «Sempre Pronto» entre nós e quero manifestar ao seu enviado toda a nossa simpatia. Porque «Sempre Pronto» merece realmente a nossa simpatia. Se 25 anos na vida de uma pessoa nada mais representam que juventude, 25 anos na vida de «Sempre Pronto», até na vida de qualquer jornal, representam uma invejável longevidade, bem digna do nosso apreço e admiração pelo esforço de todos que ali trabalham. A vossa alegria pelo momento que passa é também a nossa alegria, porque «Sempre Pronto» não é vosso, é nosso, de todos os escoteiros, que desejamos que ele continue a prestar ao escotismo os assinaláveis serviços de que se pode orgulhar na sua já longa vida. Que Deus abençoe o vosso trabalho e que o vosso jornal possa prosseguir ao serviço da juventude e do escotismo».

Fundo de Auxílio Escotista

Para este fundo recentemente criado na Associação dos Escoteiros de Portugal, que visa o auxílio de todos os Escoteiros que se encontrem em circunstâncias críticas, o sr. Eng.º José Maria Nobre Santos teve a amabilidade de enviar Esc. 100$00, que vamos entregar à Direcção da A. E. P.

POSTO DE OBSERVAÇÃO



Cada qual no seu lugar

Tem-se verificado, no meio escotista e noutros, as pessoas meterem ombros a tarefas que, por inconsciência, falta de cuidado, falha de qualidades, pouco conhecimento, ou mais factores, saem mal executadas, mal percebidas, sem sentido, sem oportunidade e, portanto, pouco lucrativas para a valorização do movimento e para o esforço e tempo nelas empregadas.

A repetição de «falhanços» leva alguns chefes ao alheamento e os rapazes ao afastamento progressivo do movimento, por o acharem estéril e sem atractivos.

No tempo que decorre, em que cada um labuta cada vez mais para angariar meios de sobrevivência, em que as horas de lazer e repouso são cada vez mais preenchidas por horas de trabalho, não nos podemos dar ao luxo (tanto mais que empregamos gratuita e voluntàriamente o tempo dispensado ao movimento) de entregar a qualquer que apareça uma tarefa que não fará, nem podemos lançar qualquer iniciativa sem a certeza de que ela terá êxito imediato e futuro.

Vem isto a propósito da Festa de Natal no Lar dos Velhinhos de Costas do Cão.

A alma de toda aquela iniciativa foi o chefe Eduardo Xavier.

Cremos que é a pessoa indicada para coisas deste teor.

Quando me falou no 1.º de Dezembro se queria participar e dirigir o «Fogo» e eu me inteirei com quem ele contava, antevendo uma desilusão, respondi vagamente que sim, apenas porque o não queria deixar sòzinho.

No entanto, Xavier lutou. Sabia o que queria. Saltou obstáculos e barreiras de todo o género.

Falou às pessoas responsáveis do Lar, foi inteirar-se do local para ver se servia, marcou datas, contactou com os companheiros da Fraternal para obter ofertas, marcou uma reunião para ensaio, falou com os chefes dos grupos, ouviu negativas, promessas, afirmações categóricas, desculpas tolas e até me obrigou a dizer que sim.

No dia da festa, lá estava, atarefado, contando pacotes e escoteiros, carregando embrulhos e lanches, dizendo graças e levando um ramo de flores.

Um ramo de flores?!!!

Sim! O Xavier não esquece o pormenor e sabe que é cortesia obsequiar as senhoras.

A festa foi um êxito e o Xavier está de parabéns.

Só assim podemos actuar. Só assim ganharemos proventos.

Cada um deve meditar naquilo que pode dar e até onde pode chegar. Se não for capaz, se não puder, que passe a tarefa a quem sabe e faça só o que pode.

Querem saber uma coisa? O chefe Eduardo Xavier é um magnífico organizador de festas e um homem cheio de ideias, mas não tem mesmo pitada de jeito para dirigir um «Fogo de Conselho»...

A. I.

Os nossos colaboradores

Merecem referência especial os colaboradores de «Sempre Pronto». O mestre tipógrafo da primeira oficina que imprimiu este jornal, admirava-se de nunca faltar original, quando outros periódicos ali impressos estavam sempre aflitos com falta de colaboração e esta era quase sempre remunerada. Pois «Sempre Pronto» tem tido o privilégio de lhe ser oferecida toda a colaboração literária, apesar de ter sido honrado com a presença de escritores de notável valor e nível intelectual. A todos estamos muito agradecidos a todos enviamos, nesta hora de festa, as nossas saudações afectuosas.

Sem desprimor para os restantes, mas antes simbolizando nestes três nossos amigos todos aqueles que nos têm ajudado, queremos destacar três dos nossos mais regulares colaboradores: o Prof. António Álvaro Dória, o Rev. Eduardo Moreira e Luís Simões Aurélio.

Álvaro Dória herdou a vocação pedagógica, é educador nato. Professor de ensino secundário, escritor brilhante, comercialista, a sua colaboração literária é constantemente solicitada, trabalhando em revistas, em editoriais, numa actividade intelectual intensa que lhe não deixa um momento disponível. Apesar disso, consegue sempre generosamente uns momentos para «Sempre Pronto», numa presença gentil e constante, que muito tem honrado estas colunas.

O Rev. Eduardo Moreira é outro colaborador valioso deste mensário. Pensador erudito, de pena elegante, é escritor considerado em toda a parte. Os seus trabalhos literários são marcados pela tolerância, pela defesa das mais elevadas virtudes. Onde houver algo de Belo a evidenciar, um carácter a revelar, aí está Eduardo Moreira a fazer registo. É enternecedor verificar a assiduidade da sua colaboração, revelando acuidade mental extraordinária numa idade em que tudo aconselha o repouso.

Luís Simões Aurélio é outro dedicado colaborador que queremos lembrar neste momento de festa. Especialista nas coisas de arte da nossa Lisboa, sente o desejo de transmitir aos novos os seus conhecimentos sobre a nossa capital. Escreve com sacrifício, contra o conselho dos seus médicos, na ânsia de servir. Cada artigo que sai em «Sempre Pronto» é uma página de amor, de devoção. Muito poderíamos esperar da capacidade invulgar de Luís Simões Aurélio, se a sua visão lhe permitisse mais assídua presença. Este nosso amigo é o símbolo de todos aqueles que trabalham neste jornal, que colaboram nestas colunas *malgré tout*.

JOÃO LOBO DE MIRANDA TRIGUEIROS

Não é hábito de «Sempre Pronto» fazer referência a aniversários natalícios. Abrimos hoje uma excepção, exactamente porque é excepcional, entre nós, a efeméride que vimos assinalar. O Escoteiro-Chefe João Lobo de Miranda Trigueiros, iniciador e fundador do Grupo n.º 6 dos Escoteiros de Portugal, de Olhão, completa 82 anos em 11 de Fevereiro próximo, continuando, apesar de sua provecta idade, ainda ao serviço do Escotismo como Chefe do Grupo de que foi fundador e ainda como Delegado dos Serviços Centrais no Algarve. Este facto só por si evidencia o vigor de que ainda dá provas, pois além disso continua a exercer a sua vida comercial bastante activa.

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» se congratulam com este facto e desejam ao Chefe Trigueiros um dia de aniversário muito feliz, enviando-lhe um afectuoso abraço, com desejos de *boa caça* e por muitos anos.



O Presidente da Câmara Municipal de Gaia visitou o Grupo N.º 44 dos Escoteiros de Portugal

Os Escoteiros do Grupo 44 prestaram guarda de honra ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, por ocasião da visita que este fez, em 28 de Dezembro passado, à Associação das Creches de Santa Marinha.

Convidado a visitar a sede dos Escoteiros, o Sr. Dr. Ramiro de Queirós simpàticamente anuiu ao convite dos dirigentes daquele Grupo.

Recebido ali por uma formação de escoteiros e acompanhado pelas individualidades que tinham estado presentes na festa da Associação, admirou com todo o interesse uma exposição de trabalhos confeccionados pelos escoteiros, inteirando-se, depois, das suas necessidades, e dos seus anseios, junto dos dirigentes presentes.

No final, depois de ter sido ofertado um emblema do Grupo ao Presidente da Câmara, os escoteiros fizeram a habitual saudação, retirando-se todos dali com a certeza de que um trabalho intenso e sadio dirigido aos jovens, sem se querer saber dos seus ideais políticos ou religiosos, deveria merecer um interesse que, pelo menos, fizesse com que aquelas acanhadas e frias instalações se transformassem em local em que o convívio da juventude se pudesse alargar com todos os seus benéficos efeitos.

Para já, indo de encontro às necessidades bem visíveis com que lutam aqueles rapazes, o dr. Ramiro de Queirós pediu que fosse enviado à Câmara um circunstanciado relatório das actividades e anseios do Grupo 44, sem dúvida merecedores de todo o apoio e carinho, pelo muito que vêm fazendo pelo desenvolvimento cultural e físico das três dezenas de escoteiros que dele fazem parte.

NOITE DE NATAL

Noite de Natal, noite de alegria para os que têm família, um lar onde se reunir e festejar o nascimento de Jesus.

Lá fora cai neve, mas há calor nos corações.

Junto à lareira, a família aguarda a hora da consoada. As crianças não param, numa roda-viva, esperando os brinquedos que o Menino Jesus lhes há-de trazer: um polichinelo, uma bola ou qualquer outro visto na montra do bazar.

Mas enquanto nestes lares a noite decorre alegremente, outros menos bem-aventurados há: uma mãe que lembra um filho ausente, um filho que chora sua mãe que Deus chamou.

À meia-noite, os sinos tocam chamando os fiéis, e então todos esses corações felizes ou augustiados elevam-se numa só prece:

— Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade.

LUÍS BRIGHAM
Grupo n.º 7 — A. E. P.



GRUPO N.º 84

Encerramento das actividades de 1969

Em 21 de Dezembro passado, realizou-se na sede desta unidade dos Escoteiros de Portugal uma festa para encerramento das actividades do ano findo. Durante esta reunião, prestaram compromisso de honra o caminheiro Isidoro Augusto da Costa Morgado e os escoteiros Paulo Emílio M. Marchã, Carlos Manuel C. Pereira Carmelo, bem como as guias Maria Manuela Pires Vilela, Maria Amélia Marques Maroco, Lucília Maria da C. Semedo, Teresa Ferreira Barreto. Também fizeram promessa as avezinhas Maria Paula e Maria Inês Ferreira Mendes.

Durante a festa, realizaram-se diversos jogos que os membros do Grupo disputaram com muito entusiasmo. O Presidente do Grupo, Sr. José Duarte Coelho, assistiu aos diversos actos, bem como pessoas de família dos escoteiros, tendo aquele feito entrega aos lobitos dos prémios conquistados no Concurso de Desenhos do «Sempre Pronto».

Foram ainda distribuídos brinquedos aos lobitos que estiveram expostos na árvore do Natal. Os escoteiros apresentaram também um presépio que organizaram.

Um momento de saudade foi o descerramento da fotografia da avezinha Isabel Dias Fresco, que, como noticiámos, faleceu em virtude de atropelamento. — *Correspondente Vítor Vergamota.*

> Aquele que recebe favores, pode lembrar-se deles; porém, aquele que os prestou, deve esquecê-los.
>
> SÉNECA

«LOBITISMO»

É caso normal encontrar escoteiros que não sabem qual é o fim para que os Lobitos trabalham. É pois nesta breve nota sobre lobitismo que exponho quase todos, visto ser-me impossível pôr todos, os apontamentos e dúvidas que surgem, não só no escoteiro como também no próprio Lobito.

Como devem saber, pelo menos têm a obrigação disso, o escotismo foi fundado por Baden-Powell. A princípio, era sòmente para rapazes dos doze aos dezoito anos, mas B.-P. viu que também a rapaziada ainda mais nova tinha interesse em colaborar neste grandioso trabalho. Por essa razão, B.-P. fundou uma nova divisão, a que deu o nome de «ALCATEIA».

E perguntarão vocês:

— Porque seria que B.-P. pôs a esta nova divisão o nome de «ALCATEIA»? não poderia pôr um outro nome qualquer?

Pois aí se nota o vosso desconhecimento a este respeito. Se lerdes «O LIVRO DA SELVA», vereis lá como foi idealizado e donde provém o nome da nova divisão. Lede, pois, esse livro, que tão agradável é e que tão proveitosa é a sua leitura.

Sabendo o Lobito que tem a sua lei — assim como o escoteiro, — tem também por obrigação obedecer a essas leis que lhe são expostas.

Claro está que a lei do lobito é muito diferente da do escoteiro, pela razão de que o lobito é ainda uma criança que não tem um desenvolvimento mental, nem capacidade para compreender a lei que é exposta ao escoteiro.

Todavia o fim para que o Lobito trabalha é igual ao fim para que trabalha o escoteiro. Trabalha (o lobito) para se desenvolver não só a sua capacidade, mas também fìsicamente para contribuir assim, com mais certeza, para o progresso, não só da Pátria, como também da Humanidade. Para esse progresso se accionar, o lobito aprende a solucionar problemas que lhe possam surgir na vida quotidiana.

Diz-nos B.-P., no «MANUAL DO LOBITO», que o seu livro está dividido em dentadas, ou seja por capítulos a que ele deu esse nome, e diz também que há ossos para roer e carne suculenta para saborear, pois quer-nos dizer com isto que a vida tem dificuldades e felicidade, e por isso, temos de lutar contra essas dificuldades para assim termos sòmente a felicidade de que nós gostamos tanto de saborear.

LUÍS MANUEL OLIVEIRA
(Javali Cinzento)

FALECIMENTOS

D. Marta Pestana da Silva Arroz

Em 20 de Dezembro passado, faleceu em Lisboa a Sr.ª D. Marta Pestana da Silva Arroz, viúva, de 76 anos de idade, assinante dedicada de «Sempre Pronto» desde há muitos anos. A extinta era tia do nosso estimado amigo sr. Dr. Aires Serrano e Silva, a quem, bem como a sua Esposa, dirigimos os nossos sentidos pêsames.

D. Alice Carolina da Mata Sá Viana Gomes

Em 18 de Dezembro passado, faleceu em Lisboa, com a idade de 77 anos, a sr.ª D. Alice Carolina da Mata Sá Viana Gomes, mãe da sr.ª D. Maria Celeste Sá Viana Gomes, e dos nossos amigos antigos escoteiros srs. Manuel Patten Sá Viana e Guilherme Sá Viana Gomes.

À família enlutada, e particularmente ao nosso dedicado amigo e assinante sr. Manuel Sá Viana, apresentamos as mais sentidas condolências.

D. Maria Umbelina Mendes Oliveira

No dia 13 de Dezembro p. p. faleceu a Sr.ª D. Maria Umbelina Mendes Oliveira, esposa do Sr. António José Pires de Oliveira e mãe do nosso estimado assinante e jovem escoteiro do Grupo n.º 19, Luís Manuel da Silva Pires de Oliveira.

«Sempre Pronto» apresenta sentidos pêsames à Família enlutada e, em especial, ao nosso irmão-escoteiro Luís Oliveira.

Saudações ao «Sempre Pronto»

Continuação da pág. 6

Também a Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, do Porto, nos saudou, afirmando: *Parabéns sinceros pelos 25 anos que vão comemorar. Em Janeiro estaremos convosco em pensamento.*

Outros amigos nos enviaram cumprimentos ou nos procuraram pessoalmente para nos saudar. Lembramos os nossos companheiros e assinantes dedicados Srs. Fulberto Silva, do Grupo 23 de Queluz, Eduardo Xavier, António Francisco Xavier de Brito e Luís Simões Aurélio.

A todos estamos muito gratos, afirmando que todos os que em «Sempre Pronto» trabalham se sentiram muito animados pelas manifestações de carinho de que foram alvos e afirmam a todos os bons Amigos que tudo farão para serem dignos de tanta simpatia.

Folhetim de «Sempre Pronto»

Tom, o escoteiro

por MANUEL FERREIRA

(Continuação)

A gruta era, como disse, um buraco aberto nas rochas, cheio de limos e fetos, que ali cresciam, com a humidade.

— Não, não era possível a fuga — concluía ele, desalentado.

Continuou, apesar disso, a percorrer, com os olhos, as rochas e, por casualidade, um pirilampo entrou na gruta.

Era um insecto enorme e fosforescente. Tom seguiu-o, com o olhar, e observou que o insecto desaparecera, de repente, na escuridão.

Era uma pista segura. Caminhou, de rastos, entre as veredas do bosque e já divisava, distintamente, grande número de pegadas. Pouco depois, viu o clarão de uma fogueira.

Retrocedeu. Estava senhor da situação. Vagarosamente, dissimulando-se entre os arbustos, caminhou para o relvado onde deixara o cavalo.

Mas uma surpresa o esperava. Em vez do «Lis», uma bando de peles-vermelhas, de carabinas aperradas, intimou-o a entregar-se.

Estava perdido. Não podendo resistir, Tom deixou-se amarrar por eles. Os raptores partiram, sorridentes com a vitória, elevando as armas e os escudos em alta gritaria.

Chegados ao acampamento, os peles-vermelhas empurraram o escoteiro para uma gruta entre os rochedos, onde ficou com uma sentinela à vista.

Tom começou a dar tratos à imaginação.

Como fugir?

Por onde teria ido?

A sentinela adormeceu. Então, Tom, tentando um esforço, arrastou-se até uma saliência das rochas. Esfregou a corda, repetidas vezes, até que ela se partiu.

Já com os movimentos livres, caminhou pela gruta.

O ar era húmido, mas isso não levou o escoteiro a desistir.

Não podia alcançar a porta pois o índio, embora adormecido, barrava a entrada. Mesmo que saísse por ali, teria de atravessar a aldeia onde várias sentinelas vigiavam.

E pensou:

— Talvez haja, por aqui, alguma saída.

Continuou a investigar. Pois se o pirilampo tinha desaparecido de um instante para o outro!...

Quando, porém, menos o esperava, sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés e caiu numa laje.

Continua

DE BENGUELA — ANGOLA

Comemorações do 3.º Aniversário do Grupo n.º 39

e despedida do Chefe António Augusto da Silva e Cunha

No dia 1 de Dezembro passado, o Grupo n.º 39 dos Escoteiros de Portugal festejou a data do seu 3.º aniversário, tendo promovido diversas actividades naquele dia, como a visita ao Jornal de Benguela e ao Rádio Clube, onde foram apresentados cumprimentos e agradecida toda a colaboração dispensada ao Escotismo naquela cidade angolana. Seguiu-se um jogo escoteiro na cidade, disputado com muito entusiasmo. Realizou-se depois um lanche em que tomaram parte, além dos escoteiros, muitos dos seus familiares.

A cerimónia não foi inteiramente festiva, pois o nosso colaborador sr. António Augusto da Silva e Cunha, chefe do Grupo, e seu filho José António, subchefe do Grupo, aproveitaram a ocasião para se despedirem de todos, visto que aquele nosso amigo fora promovido a um alto cargo da Província e teria de partir dentro de dias para Luanda.

Todos tiveram palavras de homenagem e agradecimento aos dois dirigentes, a quem se deve a fundação daquela unidade dos Escoteiros de Portugal, a que dedicaram todo o entusiasmo e saber, deixando-a bem organizada e em pleno progresso.

Silva e Cunha não se retirou, porém, sem deixar o Grupo entregue a mãos competentes, tendo escolhido o sr. Manuel Nunes Pereira, que se encontra já no desempenho do cargo de chefe interino daquela unidade e nos assegura que a sua acção vai manter o prestígio já conquistado pelo Grupo n.º 39.

O programa radiofónico no Rádio Clube de Benguela prossegue com o mesmo interesse, tendo o «Escotismo em Marcha» sido agora acrescido de outra rubrica «O Covil do Lobito e da Fada» inteiramente dedicado aos mais pequenos membros do Movimento.

Os Escutas de Benguela prestaram homenagem a António Augusto da Silva e Cunha

Em 28 de Novembro, o Agrupamento n.º 248, de Benguela, do Corpo Nacional de Escutas, realizou na sua sede um almoço de despedida ao Chefe do Grupo n.º 39 da A. E. P., o nosso antigo colaborador sr. António Augusto da Silva e Cunha.

Durante o repasto, o Chefe daquele agrupamento, sr. Júlio do Socorro Ferraz, anunciou que a Junta Central do C. N. E., por proposta da Direcção do seu Agrupamento, tinha concedido ao dedicado dirigente da A. E. P., a condecoração «Cruz de Agradecimento de 2.ª classe (Prata)». O Chefe Regional, sr. dr. Alberto Pereira Gonçalves, fez a entrega daquela medalha em nome da Junta Central.

Além dos dirigentes já citados, usaram também da palavra o Assistente Chefe Padre Teixeira e o Chefe de Núcleo sr. Vítor Pinheiro, sendo unânimes em prestar homenagem à acção do chefe Silva e Cunha em Benguela, que muito contribuiu para o desenvolvimento de todo o Escotismo na região.

DE LUANDA — Angola

António Augusto da Silva e Cunha

Já se encontra nesta capital o Chefe Silva e Cunha, que vem ocupar alto cargo no funcionalismo da Província. Lembramos que foi na sua passagem por Luanda, por ocasião da sua vinda para Angola, que o Grupo n.º 36 recebeu um grande impulso e conseguiu boas instalações para a sua sede.

O Grupo n.º 36 encontrava-se novamente quase inactivo, mas o Chefe Silva e Cunha voltou a interessar-se por esta unidade dos Escoteiros de Portugal, que merece toda a colaboração e auxílio não só pelas suas tradições, mas porque conseguiu manter vivo o facho do Escotismo em Angola através de todas as dificuldades.

O entusiasmo e competência deste Dirigente vão certamente impulsionar o grupo dos Escoteiros de Portugal em Luanda.

COMENTÁRIO SUÍÇO

A um evento escoteiro do Chile

O Telejornal da Televisão suíça, na sua edição de 10 de Março, anunciou o que segue a propósito de uma reportagem filmada de Santiago do Chile:

«No Chile, os sucessores de Baden-Powell rebelam-se. Querem, pretendem eles, modificar a estrutura arcaica da sua organização. Com efeito, cerca de 30 000 escoteiros rebeldes ocuparam por todo o país os campos e as sedes da organização escoteira. 60 escoteiros ocupam a sede principal do movimento, em Santiago; elegeram uma nova Direcção, encarregada de conduzir a bem uma transformação que qualificam de profunda. O presidente nacional da organização declarou que uma tal atitude viola os princípios de obediência, de ordem e de disciplina que os escoteiros deveriam respeitar.»

Talvez esta história não seja absolutamente verídica, porque, segundo a Secretaria Mundial dos Escoteiros, o Chile não conta senão 22 885 escoteiros.

Mas não quero mudar nada no que foi dito, porque para mim uma coisa é certa: a reacção do presidente é autêntica. É assim com efeito que reagem os presidentes quando estão solitários, quando se trancam atrás do muro da tradição, quando se mantêm muito afastados do presente e do futuro, que no entanto necessita de ser moldado.

Mas há também uma outra categoria de presidentes. Os seus pensamentos estão firmados no presente e preparam o futuro. Mantêm, com o movimento, um contacto estreito e real. Tomam o tempo que é necessário para estabelecer um diálogo construtivo. Para eles, o diálogo constante com os seus colaboradores é uma verdadeira necessidade. Sou feliz porque temos presidentes desta têmpera. A Münstergasse, 42, em Berna (sede central), não será cercada.

KARL BIFFIGER

Assim falaram os escoteiros suíços na sua revista oficial KIM. Provam que estão seguros, mas se a moda do Chile pega, vamos ter mais sedes ocupadas.

O BOM HUMOR DE BADEN-POWELL



A guerra na África do Sul, como aliás já tivemos ocasião de referir, foi um manancial de episódios que Baden-Powell não deixou de recordar e de tirar deles as úteis lições que podemos encontrar nos seus livros.

O que transcrevemos neste número é dessa origem. Mais uma vez o bom humor do Chefe Mundial não deixa escapar a oportunidade de se exercer, olhando a caricata fila de prisioneiros. Mas mesmo neste ensejo, presente-se em B.-P. uma evidente generosidade e simpatia para com os seus adversários de então, prova do espírito tolerante que sempre manifestou.

Oiçamos o Fundador:

Um dia, surpreendemos a coluna de De Wett em Warmbad. Os Boeres, ocupados a tomar banho, foram feitos prisioneiros pelos australianos. Estes tinham os uniformes reduzidos a farrapos, pelo que apreenderam imediatamente o vestuário dos banhistas, composto por casacas e chapéus de abas largas, e conduziram triunfalmente os seus prisioneiros embrulhados em toalhas turcas...

Cumprimentos de Boas-Festas

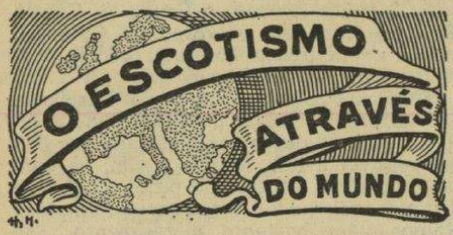
Tiveram a subida gentileza de endereçar os seus cumprimentos de boas festas a «Sempre Pronto» e a todas que aqui trabalham, diversos dos nossos Leitores e Amigos. Os termos em que tantos manifestaram a sua simpatia para com o nosso jornal, mereciam uma referência especial. Pedimos que nos desculpem não ter possibilidade de o fazer, mas creiam que as suas palavras nos sensibilizaram profundamente e que para com todos estamos imensamente gratos. Foram os seguintes os cartões recebidos:

Srs. Luís Alves Miguel, da Costa da Caparica; Fernando Gomes Carrão, de Lisboa; José Dionísio dos Santos e Fulberto Silva, de Queluz; José Luís Pinto Machado e António Luís Guerreiro, do Porto; Professor António Álvaro Dória, de Braga; João C. Camacho, de Moçâmedes; António de Jesus Brito e Dr. António Augusto da Silva e Cunha, de Luanda; António Viegas Custódio, de Carcavelos; António Pestana, do Funchal; Joaquim A. Garrett, de algures no Ultramar; António Aleixo, do Dondo, Beira; Enrique Genovés, de Madrid; Reynaldo Galvão, do Rio de Janeiro; Berth Smith, de Alberta, Canadá; Companhia das Guias «Rainha Santa Isabel», do Porto; Junta Regional de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas, Grupo n.º 19, de Gondomar, da mesma associação; Conselho e Repartição Mundial de Escotismo, de Genebra; Comissários Internacionais do Escotismo Português, sr. Vítor de Lima e Santos e seu adjunto sr. Manuel Lopes Peixoto.

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal e dos Grupos de Escoteiros de Portugal n.ºs 4 e 17 do Porto, 5 e 19 de Lisboa, 23 de Queluz, 44 de Gaia, 77 de Faro e do Grupo do Dondo, Beira.

Também tiveram a amabilidade de nos visitar e pessoalmente apresentar os seus cumprimentos de boas-festas e felicitações pelo aniversário de «Sempre Pronto» os nossos estimados amigos e colaboradores srs. António Francisco Xavier de Brito e Luís Simões Aurélio.

A todos retribuímos os votos expressos e agradecemos.



SUÉCIA

O Conselho Sueco dos Escoteiros e Guias convida uma patrulha de escoteiros ou guias para qualquer dos nove acampamentos que diversas organizações escotistas daquele país vão levar a efeito no próximo verão.

Estes acampamentos realizam-se nos seguintes locais:

— Ransäter, no condado de Värmland (de 27/7 a 6/8);

— Brösarp, próximo de Malmö (de 4 a 11/8);

— Visby, na ilha de Gotland (de 22 a 30/6);

— Manlingsbo-Kloten (200 km. a noroeste de Estocolmo) (de 30/7 a 8/8);

— Karlsborg, no lago Vättern (de 15 a 22/7);

— Península de Trotö, no sul da Suécia (de 27/7 a 5/8);

— Tiveden, entre os lagos Vänern e Vättern (de 8 a 17/8);

— Lima Bruk, no lago Siljan (de 8 a 15/8);

— Floresta Nacional de Kragenäs, na costa ocidental, perto de Strömstad (de 22/7 a 5/8);

— Hassleholm, no sul da Suécia (8 a 15/8).

As inscrições para estes acampamentos devem ser feitas até 15 de Abril do próximo ano, excepto para o Malingsbo-Kloten, cujo prazo termina em fins de Fevereiro.

Após estes acampamentos é oferecida uma semana de hospitalidade a todos os visitantes. Os preços das inscrições variam consoante os acampamentos e vão desde 70 a 175 coroas suecas.

Estas actividades desenvolvem-se no sistema de campos paralelos, isto é, campos para guias e campos escoteiros em locais adjacentes com actividades e organização em conjunto.

DE MÊS PARA MÊS

Fruto da colaboração

O Leitor que tiver a paciência de ler o que nestas páginas se diz acerca dos 25 anos de publicação do «Sempre Pronto», chegará fàcilmente à conclusão que o êxito deste modesto mensário se deve única e simplesmente a um milagre do espírito de colaboração.

São os Leitores, os Colaboradores Literários, os Agentes e Correspondentes, os Redactores e Administradores que tornam possível a regular saída do jornal, através de uma colaboração espontânea e preciosa.

Em todos os campos a boa colaboração produz sempre iguais frutos. Diremos mesmo a cooperação faz milagres.

Mas para que a colaboração surja, assim, generosa e entusiasta, é necessário que exista um ideal, um alvo comum, lealdade e humildade. São estas virtudes que criam o ambiente propício à convergência dos esforços.

Se queremos conquistar tão boas vontades tenhamos sempre o cuidado de fomentar o ambiente em que o espírito de colaboração se possa desenvolver. Seja esta a preocupação de todos os que aqui trabalham.

Conselhos para os novos

Técnica de vendas

Num estabelecimento comercial de venda directa ao público, seja qual for o ramo que explore, o empregado-vendedor desempenha papel de primacial importância na formação da opinião pública acerca da «imagem da empresa» em que exerce a sua actividade.

A «imagem da empresa» é, pois, o conceito favorável, ou desfavorável, que a seu respeito formem os seus respectivos clientes.

Eis, pois, alguns conselhos que ajudarão a formar um bom profissional:

a) Conhecer bem o artigo que pretende vender.

b) Quando o cliente se mostre indeciso a respeito do artigo que estiver escolhendo e peça a opinião do vendedor, deve-se dar uma opinião sincera, ajudando-o na escolha, aconselhando-o até.

Tal atitude dará ao comprador uma ideia favorável da competência profissional do vendedor e grangear-lhe-á confiança.

c) Falar pouco, apenas o necessário, pois o elogio demasiado da qualidade do artigo gera a desconfiança do comprador, ainda mesmo que o artigo seja óptimo.

Na generalidade, o cliente actual é exigente, sabe bem o que quer, graças aos múltiplos meios de publicidade que tornam conhecidos os artigos.

d) Saber escutar e jamais dizer a um cliente que não tem razão ou que está enganado.

Viver o problema do cliente, interessar-se em resolvê-lo de modo satisfatório, quando tal for possível — e na maioria dos casos assim acontece se houver boa vontade — é não só ganhar um comprador mais para a Empresa mas, também, grangear um amigo.

e) Se possível, fixar o nome do cliente. Este sentir-se-á bem impressionado se verificar que a sua passagem pela Empresa, como comprador, ficou assinalada.

É uma maneira de conseguir mais clientes e amigos.

f) Quando um cliente entra no estabelecimento, não deve o vendedor dirigir-se-lhe apressadamente. Mostrando que o viu entrar, porque estava atento, deixará o cliente à vontade e apenas se lhe dirigirá no momento que considerar oportuno.

g) Nos intervalos, em que não haja clientes, jamais estar inactivo. Tal, dará má impressão e há sempre qualquer coisa para fazer.

E, finalmente, não tratar as Senhoras por «*Madame*». É bem rica a língua portuguesa, que não necessita de recorrer a estrangeirismos que, sendo desnecessários, são de lamentável subserviência.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DE LUTO — Por falecimento de sua mãe, ocorrido nos últimos dias do ano findo, encontra-se de luto o nosso estimado assinante sr. Augusto Gomes Sequeira, a quem endereçamos os nossos sentidos pêsames.

NASCIMENTO — Encontram-se de parabéns o nosso estimado assinante sr. Eduardo Salvado Pena e sua esposa sr.ª D. Maria Isabel Mansilha Pena, pelo nascimento, em 24 de Dezembro passado de sua primeira filha, à qual auguramos as maiores felicidades.



Grupo n.º 19

Pontinha

No dia 13 de Dezembro, recebemos na nossa Sede a visita do Sr. Escoteiro-Chefe Geral Adjunto, Eng.º Nobre Santos, que se fazia acompanhar de seu filho e do Sr. Mário Leite, da Equipa de Formação e Treino.

Durante a visita, o Chefe Geral teve ocasião de confraternizar com os escoteiros e inteirar-se das actividades praticadas pelo Grupo.

Apreciou também os trabalhos realizados pelas patrulhas e observou os arquivos do Grupo, tendo dado algumas sugestões úteis.

GAMO LIGEIRO

Conheça o significado

ALBINISMO — Anomalia congénita que consiste na diminuição ou ausência de pigmentação da pele, pêlos, penas e olhos, que pode atingir, portanto, pessoas ou animais. Chamam-se *albinos* os atingidos por esta deficiência. Os albinos têm a pele amarelada, não mudando de tonalidade ainda que exposta aos raios solares, os cabelos brancos, as pupilas avermelhadas e a coroideia e a íris não pigmentadas, donde resulta dificuldade em suportar a luz, que provoca uma impressão dolorosa, *fotofobia*. No homem, esta anomalia é devida a um factor hereditário recessivo (que vem dos dois progenitores), verificando-se a existência de apenas um albino em 10 000 pessoas. Nos animais, encontram-se raças albinas estáveis principalmente nos coelhos, ratos, etc., bem como nalguns peixes. Verificam-se também casos de albinismo em plantas, a que falta clorofila.

ALMOEDA — Venda em hasta pública de bens móveis e imóveis. Leilão. *Hasta pública*, modalidade de pôr em praça por via oficial determinadas coisas ou qualquer direito, atribuindo-se esses valores a quem mais vantagens oferecer.

ALTÍMETRO — É um instrumento que se baseia na diferença de pressão atmosférica entre dois lugares a níveis diferentes ou seja altitudes. A *pressão atmosférica* é a força resultante do peso do ar, que se exerce sobre todos os corpos à superfície da terra.

Este instrumento, que tem grande aplicação na aeronáutica, é também usado pelos alpinistas e pelos escoteiros nas suas explorações. Estes podem aproveitar a utilidade de um barómetro, que indica as diferenças de pressão, mediante cálculos a efectuar. O Altímetro é afinal um barómetro adaptado para a leitura de altitudes.

ALVARÁ — Em direito antigo era um documento em forma de diploma régio sobre matérias que hoje constam de leis e decretos. Presentemente, é documento em que os poderes públicos concedem licença para determinada actividade económica ou exploração fabril. Há indústrias que, por estarem condicionadas, só podem funcionar mediante passagem de *alvará*. O alvará é concedido depois de satisfeitas certas condições e obrigações.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XII JAMBORI NO AR

Confirma-se o bom trabalho produzido pelos escoteiros portugueses

Os relatórios do trabalho levado a cabo por alguns grupos de escoteiros, de que publicamos um resumo neste número, vêm confirmar o que já tivemos oportunidade de dizer anteriormente sobre o êxito desta iniciativa no nosso país. Não foram pois exageradas as afirmações optimistas que então tivemos ocasião de formular.

Um problema se põe ante a verificação deste facto: dado o alto nível da actuação dos nossos grupos no XII JOTA, será possível superar, no próximo ano, os resultados conseguidos agora? Sem dúvida que um Jambori no Ar é uma actividade cujo êxito está sujeito a factores muito contingentes, pelo que não será de estranhar ou motivo de decepção que alguma vez os resultados não sejam tão satisfatórios. Mas a equipa que tem dirigido esta iniciativa tem-se mostrado tão à altura dos acontecimentos que estamos convencidos que, de futuro, não afrouxará o entusiasmo dos escoteiros portugueses e, assim, novos êxitos se registarão, de ano para ano.

O trabalho dos Grupos do Norte

A acrescentar ao que já dissemos em números anteriores, damos notícias dos resultados obtidos pelos escoteiros do Norte.

Assim, o Grupo 4, do Porto, deslocou-se à residência do distinto radiamador Sr. Dr. Fernando A. Pires Pinheiro, a fim de se servir do posto CT1EE, gentilmente posto à disposição dos rapazes para esta iniciativa.

Não foram muitos, infelizmente, os contactos tidos: Noruega, Canadá, Inglaterra (2) e Espanha, quanto ao estrangeiro. Com Portugal, foram contactados os grupos 6 e 77, em Faro, e 17, no Porto, e ainda a Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, também do Porto, por 2 vezes.

O Grupo 15, também do Porto, operou em três postos: CT1PS, CT1BH e CT1XD, respectivamente dos radiamadores Srs. José Maria Martins Oliveira, Dr. António Nogueira Rodrigues e Henrique Moreira, que com toda a simpatia acolheram os escoteiros deste grupo. Contactos estabelecidos: Alemanha (2), Brasil, Canadá, Espanha, Holanda, Inglaterra (4), Suécia, Suíça, e União Sul-Africana, no que diz respeito ao estrangeiro. Com Portugal: 3 contactos com os grupos 18 e 24 (CNE), em Cucujães; 6 e 77, em Faro; 23, em Queluz; 4 e 17, no Porto; 52, em Angra do Heroísmo; grupo de Dondo (Moçambique). Houve ainda 5 contactos com as guias da Companhia Santa Isabel, no Porto. Também contactadas Benguela e Luanda.

Durante os contactos estabelecidos, os escoteiros deste grupo transmitiram, em português, francês e inglês, a seguinte saudação: «*Os escoteiros de Portugal do Grupo n.º 15, saúdam os seus irmãos de... Boa caça!*»

O Grupo 17, também da cidade do Porto, esteve com o radiamador Sr. Jorge Dias Fernandes, *a bordo* do posto CT1PS, onde se revezaram com os escoteiros do Grupo 15.

Contactos feitos: estrangeiro: Espanha, EUA, Honduras, Inglaterra, Itália, Luxemburgo, Nova Escócia e União Sul-Africana. Com portugueses: Grupos 91, 15, 41 e 44, no Porto e em Vila Nova de Gaia; Companhia de Guias Santa Isabel, no Porto; e com postos não identificados de Lourenço Marques, Faro e Lisboa.

O novo grupo de Cucujães — o n.º 18 — teve uma actuação muito brilhante, tal como já acontecera no ano anterior. Novamente com a colaboração do radiamador Sr. Augusto César Santos, foram obtidos os seguintes resultados: Brasil (5 contactos), Canadá (3), Holanda, Honduras, Inglaterra (2), Itália (3), Luxemburgo e União Sul-Africana, isto no que se refere ao estrangeiro. Com portugueses: Grupos 1, 8 e 13, em Lisboa; 4 contactos com a Companhia de Guias Santa Isabel, no Porto; 23, em Queluz; 6 e 77, em Faro; 15 e 17, no Porto; 41, 44 e 91, em Vila Nova de Gaia; 167 CNE e 21 CNE, em Lourenço Marques; 9 CNE, em Machava, e com um posto de Lisboa que não estava no Jambori.

O Grupo 41, de Vila Nova de Gaia, por deferência do radiamador Sr. Dr. António Nogueira Rodrigues, actuou no emissor CT1BH, onde estiveram presentes também escoteiros dos Grupos 44, 91, 15 e 17.

Foram animadores os resultados alcançados, pois contactaram com Alemanha (2 contactos), Coreia do Sul (foram os primeiros portugueses a contactar com aquele país), Dinamarca, EUA, França, Inglaterra (5) e Suécia (2). Com Portugal: Grupo 6 e 77, em Faro; 18, em Cucujães; 19, na Pontinha; 23, em Queluz; 52, em Angra do Heroísmo; e com a Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, no Porto.

O Grupo 44, de Vila Nova de Gaia, também esteve *a bordo* do CT1BH, graças à boa vontade do radiamador Sr. Dr. António Nogueira Rodrigues. Com o estrangeiro: Alemanha, EUA, França, Inglaterra, Nações Unidas, Noruega, Suécia e Suíça. O operador da Suíça que foi contactado, revelou que levara toda a aparelhagem para mil metros de altitude, a fim de obter melhores condições de audição e transmissão.

Com postos portugueses: contactaram por duas vezes com a Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, no Porto.

No Algarve e nos Açores

Os Grupos 6, de Olhão, e 77, de Faro, voltaram este ano a ter uma interferência de certo modo valiosa no Jambori no Ar. Actuando ambos no posto CT1LN, em Faro, conseguiram uma gama de contactos que se expressa nos seguintes dados: 12 contactos com a Inglaterra, 2 com Sudoeste Africano, 1 com a União Sul-Africana, 1 com a Noruega, 1 com a Alemanha e 2 com a Holanda.

Com postos portugueses: com os grupos 2 e 12 CNE, 4, 15 e 17 AEP, no Porto; 41, 44 e 98, em Vila Nova de Gaia; 18, em Cucujães; 19, na Pontinha; 23, em Queluz; e Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, no Porto. Grupo 39, em Benguela; Companhia de Guias 4, em Lourenço Marques; 2 contactos com o Grupo da Capela Militar e um com o Grupo da Catedral, ambos de Lourenço Marques; e dois contactos com Nova Lisboa.

O Grupo 52, de Angra do Heroísmo, não conseguiu igualar o êxito do ano anterior, devido a várias contingências que não foi possível evitar. Mesmo assim, os contactos obtidos, através do posto CT2AP do distinto radiamador Vítor Jorge Pamplona Ramos, têm bastante merecimento. São eles: com Portugal: 7 contactos com Lisboa; 3 com o Porto; 1 com Queluz e 1 com Ponta Delgada. Quanto ao estrangeiro: 4 contactos com a Alemanha Ocidental; 1 com as Antilhas Holandesas; 1 com a Austrália; 7 com o Canadá; 1 com a Dinamarca; 1 com o Equador; 3 com a Espanha; 2 com EUA; 3 com a França; 2 com a Holanda; 1 com a Hungria; 12 com a Inglaterra; 1 com a Irlanda; 3 com a Itália; 1 com o Kuweit; 1 com o Liechtenstein; 2 com a Suíça; 2 com a Rússia, e 1 com a Trindade. Bom trabalho, portanto, o dos escoteiros do 52.

Uma actividade que honra Portugal

Tudo quanto pudéssemos dizer — e dissemos — acerca da organização do Jambori no Ar no nosso país pouco valor teria em face das afirmações feitas pelo Director de Administração da Secretaria Mundial do Escotismo, Sr. L. F. Jarrett, em carta que dirigiu recentemente ao organizador nacional, o nosso amigo Sr. Justino Estêvão da Silva.

Diz aquele conceituado dirigente do Escotismo Mundial:

Recebi o seu excelente e elucidativo relatório acerca da actividade dos escoteiros durante o XII JOTA e escrevo-lhe imediatamente, após a primeira leitura, para lhe dizer quanto estou impressionado com todo o árduo trabalho que decerto teve de dedicar a este acontecimento, não sòmente na sua cuidadosa preparação, mas também na compilação dos seus elementos. Estou convencido de que se houvesse um prémio para distinguir o melhor Relatório de Organizador Nacional, V. recebê-lo-ia este ano.

Creio que ele é um verdadeiro modelo daquilo que deveria ser um relatório, contendo, como acontece com este, recortes de imprensa, cópias de circulares informativas, cartões de QSL e fotografias, pelo que lhe peço aceite os nossos agradecimentos e parabéns muito especiais.

Só desejaria que nós próprios pudéssemos produzir outras cópias e enviá-las para todo o mundo, a fim de inspirar outros povos.

a) *L. F. Jarrett, HB9AMS, Director da Administração.*

São suficientes as afirmações contidas nesta carta para que todos nós nos possamos sentir orgulhosos pela forma muito honrosa como os escoteiros portugueses e em especial o Organizador Nacional, Sr. Justino Estêvão da Silva, se houveram com a orientação, no nosso país, do XII JOTA.

Sem sombra de exagero, pode dizer-se com convicção que o XII JOTA foi uma actividade onde Portugal soube colher prestígio.

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista